



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O complexo arqueológico de São Fausto do  
Torrão: memória e identidades**

**Volume I**

Andreia Luísa da Costa Alves

Orientador: Professor Doutor Jorge de Oliveira

**Mestrado Arqueologia e Ambiente**

Área de Especialização: Estudo de Impacte Ambiental

Dissertação

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O complexo arqueológico de São Fausto do  
Torrão: memória e identidades**

**Volume I**

Andreia Luísa da Costa Alves

Orientador: Professor Doutor Jorge de Oliveira

**Mestrado Arqueologia e Ambiente**

Área de Especialização: Estudo de Impacte Ambiental

Dissertação

Évora, 2018

Andreia Luísa da Costa Alves

*"O complexo arqueológico de São Fausto do Torrão: memória e identidades."*

*"A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre  
aquilo que todos vêem."*

(Arthur Schopenhauer)

## Agradecimentos

Esforço, dedicação e partilha são adjetivos com os quais todos aqueles que fazem uma dissertação de mestrado se identificam. A redação deste trabalho foi fruto de cerca de dois anos de pesquisa que se demarcaram sobretudo por uma tentativa de concretizar o melhor estudo possível.

Agradeço sobretudo à iniciativa do Professor e orientador desta tese de mestrado, Jorge de Oliveira. Foi devido à sua intervenção e “chamada à razão”, que hoje estamos a ler esta dissertação. Apoando-se na sua visita e estudo ao sítio há cerca de 23 anos, demonstrou logo que o estudo do complexo de São Fausto seria um trabalho fascinante. Sendo eu natural do Torrão, toda esta pesquisa foi despertando cada vez mais interesse em mim, resultando não só num trabalho mas também num estudo para todos os torranenses que viram um pouco mais da sua história desvendada. Obrigada professor! Por insistir e não me deixar tomar por outras pesquisas que certamente não me teriam realizado pessoalmente como este tema o fez. Por todas as dúvidas e incerteza que solucionou, bem como todo o interesse que o próprio prontamente investiu nesta pesquisa.

Um obrigado à Junta de Freguesia do Torrão que me possibilitou a divulgação do meu tema de trabalho, abrindo as portas do Museu Etnográfico para que fosse possível expor as minhas ideias e dialogar com as gentes da nossa terra.

Agradeço ao Sr. Mário Fagulha que se disponibilizou abrir o seu conhecimento comigo e a expor a sua sabedoria sobre a história da nossa terra.

Não poderia deixar de agradecer ao Professor André Carneiro que, prontamente atendeu as minhas dúvidas sobre a ocupação romana do sítio de São Fausto, disponibilizando-me toda a informação que estava aos seus dispor. Obrigada também à Professora Susana Gómez Martínez por responder a todas as questões que lhe coloquei e por me fornecer a bibliografia que lhe solicitei.

Um agradecimento ao Dr. José Santos que acompanhou as minhas dúvidas sobre a elaboração das plantas deste trabalho, mostrando-se sempre disponível para se reunir

comigo. À Dra. Rosário Leal um obrigado pelas palavras de incentivo aquando as minhas idas ao Salão Central.

Obrigada à Rita Abelho e à Maissa Bezzeghoud, foram elas que ouviam os desabafos, dúvidas e angústias, incentivando-nos mutuamente para que mais cedo ou mais tarde esta etapa fosse concluída. E agora, já está!

Por último, mas não menos importante, obrigado aos meus pais, ao meu irmão e ao Gonçalo. Foram vocês que acompanharam este trabalho e em parte o devo a vocês. Não só me deram apoio moral como também trabalharam nisto comigo. À minha mãe pela compreensão em relação à desarrumação dos "cacos" pela casa. Ao meu pai pela grande ajuda na limpeza da anta, que se tornou-se imprescindível para que a fosse possível estudar. Ao meu irmão por me acompanhar tanto na limpeza do sítio, como nos desenhos das plantas e fotografias, tornando-se também um aspirante a arqueólogo! Ao Gonçalo por ouvir todos os meus dilemas, indecisões e inquietações quase todos os dias! Ouviste todas as minhas teorias, apoiando-me sempre, tal como fazes em tudo. Dedico o meu esforço e as páginas que se seguem a vocês!

## Resumo

O presente trabalho consiste na divulgação do potencial histórico e arqueológico do sítio de São Fausto. Visto que nunca foi alvo de escavações arqueológicas ou de outro trabalho aprofundado de investigação, pretende-se, com este trabalho, que o sítio de São Fausto seja divulgado e que o seu estudo possa contribuir para uma melhor compreensão da história dos torranenses e do Torrão.

Com base maioritariamente nas prospeções arqueológicas e posterior recolha e análise do espólio recolhido no campo, este trabalho tentou desenhar uma linha cronológica que permitisse perceber que ocupações o sítio tivera.

Os distintos períodos cronológicos que estão presentes no *Complexo Arqueológico de São Fausto* foram o ponto de partida para a realização desta dissertação. Numa tentativa de perceber de que forma é que cronologias que vão deste o período do Neolítico até à Idade Contemporânea se podem relacionar num mesmo espaço, chegando-se à conclusão de que estamos perante um sítio sem interregnos de ocupação.

**Palavras-chave:** São Fausto, Anta, Anta-Capela, Ermida, Morabito, Moinho, Cerâmica Romana, Cerâmica Islâmica.

## **Abstract - The archaeological complex of São Fausto do Torrão: memory and identities**

The present work consists on the divulgation of the historical and archaeological potential of the São Fausto place. Since it has never been the object of archaeological excavations or other in-depth research, it is intended, with this work, that the place of São Fausto could be published and that its study may contribute to a better understanding of the history of Torrão and its people.

Based mainly on the archaeological prospects and analysis of the assets collected in the field, this work tried to draw a chronological line that allowed to realize what occupations the place had.

The different chronological periods that are present in the Archaeological Complex of São Fausto were the starting point for this dissertation. In an attempt to understand how the chronologies ranging from the Neolithic period to the Contemporary Age could be related in the same space, we came to the conclusion that we are facing something without any interludes of occupation.

**Key-words:** São Fausto, Dolmen, Chapel, Ermida, Morabito, Windmill, Romans  
Ceramics, Islamic Ceramics.

## Índice Volume I

<b>Resumo</b> .....	<b>6</b>
<b>Abstract - The archaeological complex of São Fausto do Torrão: place of memory and identities</b> .....	<b>7</b>
<b>Índice Geral</b> .....	<b>8</b>
<b>Índice de Anexos</b> .....	<b>12</b>
<b>PARTE I</b> .....	<b>15</b>
<b>1. Introdução</b> .....	<b>15</b>
1.1. Tema e objetivos da investigação .....	15
1.2. Estrutura organizativa do estudo .....	16
<b>2. Enquadramento geográfico, morfológico e geológico</b> .....	<b>17</b>
<b>3. Origem da toponímia "Torrão"</b> .....	<b>23</b>
<b>4. Evolução Urbana</b> .....	<b>26</b>
<b>5. Síntese história da vila do Torrão</b> .....	<b>26</b>
5.1. Património Arqueológico .....	29
5.1.1. Arapouco .....	29
5.1.2. Atalaia da Quinta .....	29
5.1.3. Barragem do Vale do Gaio 1, 2, 3 e 4 .....	29
5.1.4. Barreirão .....	29
5.1.5. Calçada da Barragem do Vale do Gaio .....	29
5.1.6. Castelos do Torrão .....	29
5.1.7. Horta das Ameixas .....	30
5.1.8. Horta do Cabral 5 .....	30
5.1.9. Horta do Cabral 6 .....	30
5.1.10. Horta das Fontaínhas .....	30
5.1.11. Horta do Pinheiro 5 .....	30

5.1.12.	Horta do Pinheiro 6 .....	30
5.1.13.	Horta de São Roque 1 e 2 .....	30
5.1.14.	Penedo Minhoto .....	30
5.1.15.	Passadeiras .....	30
5.1.16.	Monte da Serrinha .....	31
5.1.17.	Monte da Tumba .....	31
5.1.18.	Monte dos Mortais .....	31
5.1.19.	Monte do Pardieiro 2 .....	31
5.1.20.	Monte do Vale do Hospital 2 .....	31
5.1.21.	Monte das Cortes Pequenas 3 .....	31
5.1.22.	Monte do Vale Paraíso de Cima 1 e 2 .....	31
5.1.23.	Nossa Senhora do Torrão .....	32
5.1.24.	Cabeço da Mina .....	32
5.1.25.	Várzea da Mó .....	32
5.1.26.	Monte das Cortes Grandes .....	32
5.1.27.	Barrada do Grilo .....	32
5.1.28.	Herdade dos Frades .....	32
5.1.29.	Montes das Cortes Pequenas 1 e 2 .....	32
5.1.30.	Fonte da Mina .....	33
5.1.31.	Vale de Romeiras .....	33
5.1.32.	Pedra da Anta .....	33
5.1.33.	Poças de São Bento .....	33
5.1.34.	Portancho .....	33
5.1.35.	Porto Carro .....	33
5.1.36.	Cabeço do Pez .....	33
5.1.37.	São Romão do Sado .....	34
5.1.38.	Cabeço das Amoreiras .....	34
5.1.39.	Quinta de Cima .....	34
5.1.40.	Quinta de Baixo .....	34
5.1.41.	Orzalão .....	34
5.1.42.	Termas Romanas .....	34
5.2.	Principais edifícios religiosos e civis de interesse patrimonial .....	35
5.2.1.	Ermida de São João dos Azinhais .....	35

5.2.2.	A Igreja de Nossa Senhora da Assunção ou Igreja Matriz .....	37
5.2.3.	Igreja e Convento de São Francisco.....	42
5.2.4.	Hospital da vila do Torrão.....	42
5.2.5.	Ermidas do Torrão .....	43
5.2.6.	Capela de São João da Ponte ou de São João Nepomuceno.....	44
5.2.7.	Igreja de Nossa Senhora da Albergaria .....	44
5.2.8.	Convento de Nossa Senhora da Graça ou Convento das Freiras .....	44
5.2.9.	Palácio dos Viscondes do Torrão.....	46
5.2.10.	Igreja do Carmo .....	46
5.2.11.	Fonte Santa.....	46
5.2.12.	Cruzeiro da Igreja da Misericórdia .....	46
5.2.13.	Cruzeiro ou Obelisco de Algalé.....	47
<b>6.</b>	<b>Visitações à Vila do Torrão (1510 e 1534) .....</b>	<b>47</b>
6.1.	Visitação de 1510.....	47
6.2.	Visitação de 1534.....	49
6.3.	Património, bens e direitos na vila do Torrão .....	50
6.4.	Propriedades Rurais.....	50
6.5.	Propriedade Urbanas.....	51
6.6.	As Igrejas.....	52
<b>7.</b>	<b>Memórias Paroquiais da Freguesia do Torrão (1758) .....</b>	<b>52</b>
<b>PARTE II.....</b>	<b>54</b>	
<b>8.</b>	<b>São Fausto.....</b>	<b>54</b>
8.1.	Martirologio Romano (1748) .....	55
8.2.	Memórias Paroquiais da Vila do Torrão (1758).....	60
8.3.	Flos Sanctorum da Vida dos Santos, pelo Padre Pedro de Ribadeneira (1790).....	60
8.4.	Enciclopédia Universal Espasa-Calpe (1924) .....	61
8.5.	Santos de cada dia (1987).....	61
8.6.	Santoral diabólico (1987).....	62
8.7.	Antas-Capelas e Capelas junto a Antas no Território Português – elementos para o seu inventário (1994-1995) .....	63

8.8.	Historial, Recolhas e Memórias da Freguesia do Torrão (2001).....	63
8.9.	São Faraústo 2, uma villa romana dedicada à fundição (2007).....	64
<b>9.</b>	<b>O complexo arqueológico de São Fausto .....</b>	<b>65</b>
9.1.	O Homem, o espaço e o culto.....	65
9.1.1.	Covinhas como decoração dos esteios.....	72
9.2.	Anta-capela de São Fausto, uma construção singular? .....	74
9.2.1.	Anta-capela de São Dinis ou São Dionísio (Pavia) .....	74
9.2.2.	Anta-capela de Nossa Senhora do Livramento (São Brissos) .....	75
9.2.3.	Anta-capela de Nossa Senhora do Monte (Penela da Beira) .....	75
9.2.4.	Anta-capela de Santa Maria Madalena da Igreja das Alcobertas (Rio-Maior).....	75
9.2.5.	Anta-capela de São Bento do Mato (Azaruja) .....	76
9.3.6.	Anta-capela de São Fausto (Torrão) .....	76
<b>10.</b>	<b>Ermida de São Fausto .....</b>	<b>78</b>
10.1.	A Ermida de São Fausto, caso particular no panorâma português?.....	81
10.2.	A Ermida de São Fausto segundo as Visitações (1510 e 1534).....	87
10.3.	A Ermida de São Fausto segundo as Memórias Paroquiais de 1758 .....	91
<b>11.</b>	<b>Moinho .....</b>	<b>93</b>
<b>PARTE III.....</b>	<b>.....</b>	<b>94</b>
<b>12.</b>	<b>Prospecção no Complexo Arqueológico de São Fausto .....</b>	<b>94</b>
12.1.	Metodologia dos trabalhos de campo .....	94
12.2.	Dos trabalhos de prospecção à análise dos dados .....	95
12.2.1.	Descrição dos materiais arqueológicos.....	97
<b>PARTE IV .....</b>	<b>.....</b>	<b>99</b>
<b>Conclusões .....</b>	<b>.....</b>	<b>99</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>.....</b>	<b>103</b>
<b>Webgrafia .....</b>	<b>.....</b>	<b>108</b>

## Índice Volume II - Anexos

### Anexo I

- ❖ Figura 1 – Carta Militar do Torrão
- ❖ Figura 2 – Carta Geológica do Torrão
- ❖ Figura 3 – Planta da Vila do Torrão, 1817
- ❖ Figura 4 – Gráfico da população da vila do Torrão
- ❖ Figura 5 - Localização do complexo arqueológico de São Fausto
- ❖ Figura 6 – Distância entre a ermida e o moinho de São Fausto
- ❖ Figura 7 – Distância entre o moinho e a anta de São Fausto
- ❖ Figura 8 – Distância entre o troço visível da calçadinha romana e a ermida de São Fausto
- ❖ Figura 9 – Distância entre a ermida de São João dos Azinhais e o sítio de São Fausto
- ❖ Figura 10 – Aspeto geral da ermida de São Fausto em 1944
- ❖ Figura 11 – Ermida de São João dos Azinhais – estado atual
- ❖ Figura 12 – Ermida de São João dos Azinhais – interior
- ❖ Figura 13 – Localização da ermida de São João dos Azinhais
- ❖ Figura 14, 15 e 16 – Ara Votiva do Torrão
- ❖ Figura 17 – Localização dos Castelos e Monte da Tumba
- ❖ Figura 18 – Localização da sondagem feita aos Castelos
- ❖ Figura 19 – Perfil estratigráfico da sondagem dos Castelos
- ❖ Figura 20,21, 22 e 23- Espólio recolhido no sítio dos Castelos

### Anexo II

- ❖ Documento 1 – Foral Manuelino do Torrão

### Anexo III

- ❖ Documento 2 – Questões das Memórias Paroquiais

### Anexo IV

- ❖ Documento 3 – Transcrição do documento das Memórias Paroquiais do Torrão

#### **Anexo V**

- ❖ Documento 4 – Transcrição do documento das Visitações da Ordem de Santiago ao Torrão de 1510
- ❖ Documento 5 - Transcrição do documento das Visitações da Ordem de Santiago ao Torrão de 1534

#### **Anexo VI**

- ❖ Texto 1- Análise às Visitações da Ordem de Santiago ao Torrão

#### **Anexo VII**

- ❖ Figura 24 a 28 – Representações de São Fausto

#### **Anexo VIII**

- ❖ Figura 29 a 36 – Anta-capela de São Fausto
- ❖ Figura 37 – Anta de São Fausto, perfil Norte
- ❖ Figura 38 – Anta de São Fausto, perfil Sul
- ❖ Figura 39 – Anta de São Fausto, perfil Este
- ❖ Figura 40 – Anta de São Fausto, perfil Oeste
- ❖ Figura 42 a 47 – Anta de São Fausto após a limpeza do monumento
- ❖ Figura 48 – Interior da Anta de São Fausto
- ❖ Figura 49 – Pormenor das covinhas da anta
- ❖ Figura 50 – Esteio de cabeceira da anta

#### **Anexo IX**

- ❖ Figura 51 a 54 – Ermida de São Fausto em 1994
- ❖ Figura 55 – Ermida de São Fausto, vista frontal
- ❖ Figura 56 – Ermida de São Fausto, vista lateral
- ❖ Figura 57 – Ermida de São Fausto, vista lateral
- ❖ Figura 58 – Resto de uma estrutura adjacente à ermida
- ❖ Figura 59 – Estado atual do interior da ermida
- ❖ Figura 60 – Pormenor do oratório
- ❖ Figura 61 – Vista interior da ermida

- ❖ Figura 62 – Galilé do templo
- ❖ Figura 63 a 64 – Pormenor decorativo da galilé
- ❖ Figura 65 – Pormenor da transição entre a estrutura do corpo da igreja e da galilé
- ❖ Figura 66 – Vista da ermida para a vila do Torrão

#### **Anexo X**

- ❖ Figura 67 – Vista entre o moinho e anta-capela de São Fausto em 1994
- ❖ Figura 68 – Moinho de São Fausto em 1994
- ❖ Figura 69 a 71 – Estado atual do Moinho

#### **Anexo XI**

- ❖ Planta 1 – Anta-capela em 1994
- ❖ Planta 2 – Ermida em 1994
- ❖ Planta 3 – Anta, perfil Norte
- ❖ Planta 4 – Anta, perfil Sul
- ❖ Planta 5 – Anta, perfil Este
- ❖ Planta 6 – Anta, perfil Oeste

#### **Anexo XII – Inventário do espólio encontrado em prospeção no *Complexo Arqueológico de São Fausto***

#### **Anexo XIII – Inventário das tijoleiras decoradas da ermida de São Fausto**

## PARTE I

### 1. Introdução

#### 1.1. Tema e objetivos da investigação

Inserido num contexto tipicamente alentejano, floresce sobre o solo um conjunto de evidências arqueológicas e históricas que contrastam com a restante planície. Tal como indica o título da presente dissertação de mestrado, estamos perante um distinto conjunto de presenças cronológicas que marcam aquele território com singularidade. Trata-se de um lugar de memória, pois comporta em si a história do povo torranense e de todos aqueles que por ali passaram, desde tempos mais remotos como a pré-história.

O mesmo espaço, diferentes identidades – é este o mote que nos levou a pegar neste tema de trabalho, numa tentativa de perceber o porquê destas suas particularidades e os motivos que levaram à sua ocupação ao longo do tempo. Por outro lado, o topónimo do sítio, *São Fausto*, acentuou a necessidade do estudo deste santo em correlação com o espaço a que dá nome.

A presente dissertação de mestrado tem como principal objetivo o estudo do complexo arqueológico de São Fausto. Espaço de culto milenar, carece de compreensão e estudo. Trata-se de uma elevação na margem direita do Rio Xarrama em frente à povoação do Torrão. Ainda subsiste no local uma anta que outrora foi anta-capela, uma construção inicial (possível cuba ou morábito) à qual se anexou um corpo de igreja dando origem à ermida de São Fausto e um moinho que conserva ainda parte do engenho apesar de já não laborar (possivelmente datável do século XIX).

Local de vista privilegiada, situa-se a cerca de 1km da vila alentejana do Torrão. A partir deste sítio é possível vislumbrar toda a povoação, parte do Rio Xarrama e ainda toda a típica planície alentejana que se encontra à sua volta. Apesar de atualmente o local já não se encontrar em utilização, ainda é reconhecido e persiste na memória dos torranenses a lenda de São Fausto.

Na área envolvente são visíveis no solo fragmentos de cerâmica romana bem como alguns que apontam para épocas anteriores e posteriores, provavelmente islâmica. Com este estudo pretendemos compreender a interligação deste espaço milenarmente sagrado; para isso foi necessário recorrer não só à arqueologia mas também à história. A utilização destas duas áreas permitiu percorrer a maior parte da história do sítio e desenvolver linhas de compreensão da ocupação do mesmo. Apesar de continuarem a existir algumas interrogações, que só poderiam ser em parte dissipadas com a realização de uma escavação arqueológica, pensamos que o contributo desta dissertação de mestrado foi fundamental. As forças do conhecimento que suportam este estudo foram devidamente analisadas.

Apesar de se atribuírem as designações de *São Frausto*, *São Fausto*, *São Faústo* ou *São Fausto* ao local em estudo, optámos por utilizar ao longo deste trabalho a designação de *São Fausto*, habitualmente utilizada no Torrão.

Esperemos que com este trabalho se consiga preservar por mais alguns anos estas memórias, estimulando as entidades competentes para esse fim.

## 1.2. Estrutura organizativa do estudo

A presente dissertação encontra-se dividida em quatro partes.

A primeira parte trata de contextualizar onde é que está inserido o complexo arqueológico de São Fausto. Para além de se enquadrar em termos geológicos a área, achámos necessário recorrer à história da vila do Torrão a fim de perceber que dinâmicas poderiam ter o núcleo populacional, em relação ao sítio de São Fausto. Nesta parte inicial recorreremos ainda à investigação de fontes escritas. As *Visitações da Ordem de Santiago* de 1510 e 1534, bem como as *Memórias Paroquiais* de 1758, foram fundamentais para perceber a importância da ermida de São Fausto nas distintas datas e como é que se encontrava em termos ornamentais.

A segunda parte pretende fazer o enquadramento do caso de estudo. Atendendo à própria toponímia do local, foi necessário elaborar um capítulo que permitisse perceber quem foi São Fausto e que possíveis datas de veneração lhe estão associadas. Pretende ainda caracterizar a anta-capela agora destruída, a ermida e o moinho.

Salienta-se o facto de, para melhor compreensão das estruturas referidas anteriormente, ser sempre possível recorrer a outros casos de estudo comparativos.

A terceira parte resume-se aos trabalhos de prospeção desenvolvidos, apresentando as metodologias de trabalho utilizadas bem como os seus resultados.

Por fim, a quarta parte contempla, de forma sistemática, um balanço de todo o trabalho desenvolvido e que conclusões foram possíveis retirar. São também apresentados anexos que abordam todas as informações expostas ao longo desta dissertação, constituindo o volume II desta dissertação.

## 2. Enquadramento geográfico, morfológico e geológico

---

*"Meio-dia: O sol a prumo cai ardente,  
Dourando tudo. Ondeiam nos trigais  
D'ouro fulvo, de leve... docemente...  
As papoilas sangrentas, sensuais... (...)"*  
Florbela Espanca, O Meu Alentejo.

---



*Figura 1 Localização do complexo arqueológico de São Fausto.*

Apesar da sua riqueza cultural, histórica e também arqueológica, a vila do Torrão encontra-se um pouco esquecida no interior alentejano. Com o índice populacional a diminuir progressivamente e a deslocação das camadas mais jovens da população para os grandes centros urbanos, a vila do Torrão fica cada vez mais abandonada e perdida no tempo.

A este capítulo corresponderá a uma breve análise geográfica, morfológica e geológica acerca do atual território da vila do Torrão. Contudo, é importante frisar que os limites geográficos deste local foram variando conforme as diferentes épocas cronológicas. Por exemplo saliento a localização, da considerada pela população da primeira vila do Torrão: o sítio arqueológico do Monte da Tumba, que atualmente se encontra a mais de 2km do atual núcleo urbano.

A freguesia do Torrão do Alentejo é a segunda maior do país, com uma área de 372,7km<sup>2</sup>. Faz parte do município de Alcácer do Sal, distrito de Setúbal, desde o século XIX, mais concretamente 1871<sup>1</sup>, data a partir da qual deixou de pertencer ao município de Alvito.

Prova disso são os dados demográficos da população da freguesia do Torrão que no ano de 1940 apontavam para 6581 habitantes. Por sua vez, os últimos dados de 2011 apontam para 2295 habitantes.

A sua localização geográfica acarreta desde logo elevada importância, nomeadamente ao nível estratégico, visto que se localiza num ponto elevado sobre um curso de água – o Rio Xarrama.

Para a compreensão da paisagem que engloba o Rio Xarrama, há que salientar o *Relatório acerca da Arborização do Paiz* de Andrade Corvo, publicado em 1868, que já aborda esta região onde se encontra a vila do Torrão.

No estudo publicado pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, são inúmeras as referências a esta obra.<sup>2</sup>

*"Quanto à paisagem, o curso do rio Sado divide a freguesia "grosso modo" em duas partes. Na margem direita, incluindo o vale do Xarrama, o Torrão e as colinas interiores, predominam os montados e a Campina. No vale do Sado propriamente dito, predominam as lezírias e os regadios mediterrânicos."*<sup>3</sup>

Relativamente aos solos, estes são de grande capacidade agrícola mais especificamente de utilização intensiva e moderada a intensiva. Saliento a vasta

---

<sup>1</sup> Por decreto de 3 de Abril de 1871.

<sup>2</sup> CARVALHO, 2009, pp. 10-13.

<sup>3</sup> CARVALHO, 2009, p.11.

produção de cereais nos campos agrícolas circundantes à vila do Torrão, e que são recordados com nostalgia pelos mais antigos habitantes que neles trabalhavam.

Quanto aos aspetos climáticos, em vários estudos, conclui-se que o curso do rio Sado, que passa pela ponte romana do Torrão, constitui um marco de diferenciação climática:

*"Na margem direita do rio, incluindo o curso do Xarrama, a vila do Torrão e o restante território da freguesia, predomina um clima com Invernos Frescos e Verões muito Quentes. Na margem esquerda do Sado e zona sul da freguesia, predominam os Invernos Moderados e Verões Muito Quentes."*<sup>4</sup>

Salienta-se ainda a época de Outono, Inverno e também Primavera onde ocorrem algumas vagas de nevoeiro.

Assim, é possível concluir que o território onde se encontra o Torrão constitui uma paisagem genuína e sobretudo muito rica em diversidade natural. A valorização deste local e a implementação de medidas de estima e dinâmica cultural, constituem no nosso entender uma mais-valia não só para o enriquecimento turístico e consequentemente enriquecimento económico, mas também um benefício para a população que, ficaria assim muito mais satisfeita e grata para com a valorização da sua terra e do seu património.

Tendo em conta a informação disponibilizada pelos Serviços Geológicos de Portugal, a folha a que corresponde Torrão é a 39-D.

Analisando em pormenor a área a que corresponde e o aglomerado populacional da vila do Torrão, destaca-se a presença de uma mancha de gabros. Se alargarmos a mancha de estudo em torno da vila, são notórios os vários filões de riólitos, dacitos e riodacitos. Este outro tipo de rocha marca presença, em grande parte na área denominada *Horta dos Passarinhos*, junto à ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso, na área a Norte da vila.

Sabendo que passa muito próximo do Torrão o Rio Xarrama, é normal que ao redor as rochas sejam de tipologia sedimentar, onde se destaca a formação de Vale de Guizo

---

<sup>4</sup> CARVALHO, 2009, p.14.

com a presença de conglomerados, areias, arcoses, pelitos e calcários, que constituem a Bacia do Sado. Esta formação predomina nas margens dos pequenos ribeiros, sendo por vezes alternadas com manchas de menor dimensão de terraços. Destaca-se ainda a Formação da Marateca onde predominam areias arcósicas, conglomerados e pelitos. Uma vez associado a rochas de origem sedimentar, surge acompanhada pela Formação da Marateca de areias dunares, como é o caso da zona dos Pinhais de Porches e do Pinhal da Vinha.

A Noroeste do Torrão salienta-se pequenas manchas que constituírem o complexo vulcano-sedimentar, com predominância de rochas como metaespilitos e metatufos básicos, xistos siliciosos e jaspes. Na zona Norte destacam-se três pequenas manchas que formam a Formação do Pulo com rochas como filitos, arenitos finos com quartzo de exsudação. Uma destas manchas encontra-se nas margens de um pequeno braço do Rio Xarrama. Na área sul surge o mesmo fenómeno com mais um dos braços do Rio Xarrama estar rodeado deste tipo de rochas da Formação do Pulo.

Relativamente à Formação de Esbarrondadoiro com a presença de areias, pelitos, biocalcarenitos e conglomerados, esta surge na carta geológica apenas na zona Sudeste.

Surge ainda na Carta Geológica do Torrão 39-D, referência à Formação de Alcácer do Sal com a presença de filões de quartzo nas margens do Rio Sado.

Toda a área Nordeste, até à vila de Alcáçovas, está sobre áreas de riolitos, dacitos e riodacitos com intercrecimentos granofíricos ("Pórfiros de Beja"); brechas riolíticas e filões riodacíticos.

Tendo em conta o monumento megalítico em estudo, a anta-capela de São Fausto, é fundamental perceber que a sua estrutura está totalmente relacionada com os recursos geológicos que existem na área circundante. O chapéu do monumento apresenta sinais claros de uma extração direta da rocha base, conferindo-lhe a curvatura comum nestes casos. Trata-se portanto de um bloco de rocha que provavelmente teria uma das faces à superfície e que foi retirado respeitando as dimensões e forma que teria. Por sua vez, os esteios da anta-capela são de rochas predominantes na área.

Analisando a informação dos Serviços Geológicos de Portugal, na Notícia Explicativa da Folha 39-D do Torrão (1992), são referidos alguns elementos relativos à arqueologia da região.

No que respeita o paleolítico, não são referidas quaisquer estações arqueológicas. No período do Mesolítico, destacam-se os chamados "concheiros", com a sua presença no vale do Sado. Estes foram identificados em 1936 na Quinta de Baixo (Quinta de D. Rodrigo na carta geológica) e em Portancho ("Barrada das Vieiras"). Para além dos referidos, na carta geológica surgem ainda assinalados os concheiros de Cabeço de Pez, Vale de Romeiras, Cabeço das Amoreiras, Várzea da Mó, Vale de Guizo, Poças de São Bento, Barrada do Grilo, Arapouco, Barranco da Moura e Fonte da Mina.

A situação geológica e geomorfológica é variável no que respeita à localização destes concheiros. Parte deles localizam-se no limite da plataforma cenozoica, a cotas que variam entre os 40 m e os 50 m; a restante parte situa-se a cotas mais baixas, estando assentes sobre depósitos dunares (Várzea da Mó) ou em encostas talhadas nos depósitos miocénicos, por exemplo Portancho (na formação de Vale de Guizo) e Arapouco (na formação de Alcácer do Sal). O concheiro das Poças de São Bento situa-se a 3,5 km do Sado em plena aplanção cenozoica, sendo uma das maiores acumulações do vale do Sado, com uma área que ultrapassa os 4000 m<sup>2</sup>.

Ao nível do Neolítico e Calcolítico na carta são apresentadas as seguintes jazidas: o povoado do Monte dos Castelos, no interior da vila; a anta de São Fausto, a cerca de 1400 m para NNW da povoação; o povoado do Cabeço da Mina, a cerca de 8 km a este desta; o povoado fortificado do Monte da Tumba, a cerca de 1300 m para sul; e por fim a jazida da Barrada do Grilo, a 12 km para oeste.

Relativo à ocupação da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, apenas se conhece a existência de catorze machados de cobre e bronze que estão no Museu Nacional de Arqueologia e que se desconhece a sua proveniência.

O horizonte do período Romano é citado o caso da Fonte Santa, com construções revestidas a *opus signinum* e que formariam um complexo termal. A Ermida de São João dos Azinhais, a 2 km da vila é outro caso de ocupação romana, tendo sido

observada a presença de uma lápide com inscrição e uma tampa sepulcral cupiforme. Encontram-se atualmente no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

Existem vestígios de restos de explorações de ferro, observados nas proximidades do sítio da Atalaia a NE do Torrão. Trata-se de afloramentos de xertes com mineração ferríferas.

Não havendo certezas sobre a sua veracidade, um outro possível vestígio de Época Romana é a chamada "Calçadinha" que pode corresponder a restos da via que ligaria Salacia a Pax Julia. A área abrangida pela carta geológica é ainda atravessada por outra via romana: uma de direção NE-SW (Mirobriga a Emerita, passando por Eborá).

O último período analisado na Notícia Explicativa da Carta Geológica do Torrão 39-D, é a Época Visigótica. Deste período é referida mais uma vez a Ermida de São João dos Azinhais, situada na albufeira da Barragem de Vale do Gaio. Nas paredes do edifício foram testemunhados dois fragmentos de pilastras visigóticas bem como uma inscrição contemporânea do mesmo período. Uma outra pilastra encontrada era a que serviria de altar, e que está atualmente no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal. A lápide com inscrição que está embutida na parede do edifício é dedicada aos mártires Justo e Pastor, sendo a própria construção dedicada a estes dois irmãos que terão morrido às mãos dos exércitos romanos, segundo a lenda. A obra terá sido terminada na era de 720.

### 3. Origem da toponímia "Torrão"

---

*"Dizem os moradores desta terra, que foi fundada antes da vinda de Christo duzentos e outenta annos si ita est nescio e prevertem o texto, que diz in principio Cream Deus Colum e Terram; id est Torram: e dizem, que a vila era a sua mayor grandeza junto à Ermida de Sam Roque advogado da pestte por se acharem alj [sic] muitos alicerçes = he abundante de agôas humas mais pezadas, e outras mais leves; e ha poucas cazas, que não tenham possos."*

Memórias Paroquiais, 1758, p. 603.

---

Atendo à toponímia da vila, esta sugere uma correlação com a possível existência de algum tipo de torre ou grande torreão. Segundo os próprios habitantes da vila, "Torrão" deriva da palavra "torrejam" que significa torre grande.

Segundo o livro *Historial, Recolhas e Memórias da Freguesia de Torrão (Alentejo)*, é da torre que surge no brasão de armas da vila que deriva o nome:

*"Esta é a Torre ou Torreão, à qual lhe cham Castello mas o nome é Forte ou Fortim de D. Jorge, porque é redondo e os castelos são retangulares."*<sup>5</sup>

Segundo as memórias orais recolhidas através dos Torranenses, este *Forte* foi mandando destruir por Sebastião José de Carvalho e Mello, em 1755. Depois do terramoto, esta estrutura terá ficado muito danificada e o mandatário do Marquês de Pombal, D. Rodrigo de Menezes, terá ordenado o seu desmantelamento integral. No lugar da construção terão sido edificadas doze casas forradas a cortiça e cavalariças que posteriormente foram habitadas por jesuítas. Recorrendo às *Memórias Paroquiais da Vila do Torrão (1758)* é dito que:

*"Tem Igreja Matrys, e está em hum alto para a parte Poente fora da Villa, junto ao Paço do Gram Mestre Dom Jorge; a que chamão o Castello, hoje aruinado cercado de muro de taipa; o qual vizitou Dom Rodrigo de Menezes fidalgo da Caza da Sua Magestade, Comendador das Comendas da Villa de Caçella e da*

---

<sup>5</sup> FAGULHA, 2001, p. 20.

*Igreja do Salvador de Samtarem, e Treze [sic] e João Fernandez Barregão Prior de Nossa Senhora do Castello de Alcacer, ambos visitantes, em Dezembro de mil e quinhentos secenta, e sinco. E achou quatorze cazas altas forradas de cortiça; muitas officinas, cavalhariças; e hoje tudo aruinado.*"<sup>6</sup>

Conta o povo que uma sobrinha do Marquês de Pombal terá sido raptada pelos jesuítas e levada para estas novas casas. Ao saber disto, Sebastião José de Carvalho e Mello ordena a demolição das habitações, e morte dos jesuítas que terão sido enforcados no chamado *montão dos enforcados*, na saída norte da vila.

Situada na parte extrema a NO da povoação, surge uma zona denominada pelos locais de *os castelos* que integra a igreja matriz, o depósito da água e estende-se até à praça Bernardim Ribeiro. Trata-se cronologicamente da parte mais antiga da localidade e, apesar da denominação, não tem vestígios visíveis da existência de algum castelo.

O dado arqueológico que afirma a antiguidade da área e o facto de se tratar da zona de formação da povoação, é o estudo de Carlos Tavares da Silva e de Joaquina Soares, publicado em 1986. Tratando-se de uma colina com uma cota de 130m, onde uma das encostas se prolonga atingindo um desnível de aproximadamente 90m, seria à partida propícia a existência de vestígios arqueológicos do período calcolítico, isto porque estamos perante um território com marcada presença neste período: a cerca de aproximadamente 1km situa-se o povoado do Monte da Tumba.

O Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, realizou no local uma prospeção em que foram recolhidos à superfície materiais cerâmicos de tipologia calcolítica. Reunidas todas estas informações, mostrou-se pertinente realização de sondagens que pudessem comprovar, ou não, a importância arqueológica do sítio.

A sondagem realizada comprovou a existência de materiais do Calcolítico até à Idade do Bronze. O estudo dos materiais recolhidos nos diferentes níveis de ocupação, mostrou uma evolução lenta mas contínua, iniciada numa fase antiga do Calcolítico do Sudoeste, segundo Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva em *Intervenção arqueológica na vila do Torrão: ocupação calcolítica*. Esta primeira fase de ocupação corresponde à fase inicial do povoado do Monte da Tumba.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 596.

Ao nível do espólio cerâmico identificado, salientam-se os pratos de bordo sem espessamento bem como os pratos de bordo almendrado, que existem em ambos os sítios arqueológicos (Castelos e Monte da Tumba). A tipologia das pastas é igualmente semelhante tal como o tipo de cozedura: oxidante com arrefecimento reductor, que proporciona uma tonalidade vermelha no interior da peça e castanho/cinzeno, na superfície exterior. De referir que, no sítio dos Castelos foram encontrados fragmentos de cerâmica de revestimento, com negativos de ramagens, sendo que no Monte da Tumba, verificou-se utilização de adobes.

Fragmentos de “pesos de tear” encontrados marcam também paralelismos com a jazida do Cabeço da Mina (Neolítico Final).

Da Idade do Bronze há que referir a presença de fragmentos de cerâmica carenada e um talão de machado de cobre ou bronze.

Atendendo à tipologia dos povoados do Calcolítico, com a construção de troços de muralha e torres de vigia para proteção das povoações, parece-nos que a toponímia *Torrejam* (torre grande), possa ter derivado da possível existência de uma estrutura deste período cronológico no sítio do Torrão. Contudo, não existem evidências arqueológicas que permitam afirmar a existência de algum tipo de construção. Uma vez estando num local de forte aglomeração de casario, a morfologia primitiva do local foi desvanecendo-se e modificando-se ao longo do tempo.

Uma outra hipótese para a denominação de *Torrão – Torram – Torrejam* surge da referência ao trabalho de António Rafael Carvalho<sup>8</sup> que coloca a possibilidade de ter existido uma mesquita no atual Convento de Nossa Senhora da Graça. Segundo o autor terá naquele local existido um recinto amuralhado que, teria uma *muşalla* almóada e uma torre para defesa militar, então denominado *Hişn Turruş*. Fica portanto mais uma hipótese para a origem do nome *Torrejam* (torre grande), associado à possível ocupação muçulmana do Torrão. Contudo, não existem dados arqueológicos ou documentais que possam afirmar a existência desta construção, nem o local coincide com os trabalhos arqueológicos desenvolvidos por J. Soares e C. T. da Silva, nem com a descrição da torre referida por André de Resende.

---

<sup>8</sup> Arqueólogo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal.

## 4. Evolução Urbana

---

*" (...) tem na Villa quatro centos, e quinze vezinhos. Pessoas grandes mil, e duzentas e sincoenta, e sete. Nas Erdades, Moinhos, e Ortas fógos cento, e sincoenta e sinco. Pessoas grandes quatro centas e outenta, e tres menores hum sem numero."*  
Memórias Paroquiais, 1758, p. 595.

---

A primeira referência que existe à parte urbanista do Torrão é de 1817, tratando-se de uma planta com o título *Planta da Vila do Torram levantada pella curiosidade do PAICE (?) 1817*. Percebe-se que a vila era apenas constituída por quinze ruas: Rua da Matriz, Rua da Misericórdia, Rua da Azinheira, Rua do Pocinho, Rua da Estalagem, Rua do Relógio, Rua dos Cardins, Rua do Fernando, Rua dos Ferreiros, Rua de Beja, Rua das Paulas, Rua das Freiras e Rua das Covas.

Progressivamente a evolução da vila foi sendo feita com a construção de dois bairros: o primeiro denominado de *Bairro Azul* e o segundo *Bairro Miguel Torga* que chega até próximo da Ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso.<sup>9</sup>

## 5. Síntese história da vila do Torrão

---

*"Haverá quem admire a minha pertinácia, não duvido. Se muitos indivíduos há que levam tempo infinito em profundas investigações, a fim de apurarem ou reconstruírem a genealogia da sua família, não admira que se gaste tempo a reconstruir a genealogia de um povo – a história de uma localidade."*

Fonte: Joaquim Correia Baptista, escrito em 1896, no "Arqueólogo Português".  
Primeiro responsável pelo Museu Municipal de Alcácer do Sal.

---

<sup>9</sup> Ver figura 3 do vol. II desta dissertação.

Terra tipicamente alentejana de casas baixas, caiadas de branco e de barras coloridas, o Torrão persiste no tempo com raízes e heranças do passado que ainda hoje em dia pintam as cores da vila e atraem gentes de fora. O centro histórico, de ruas sinuosas e de calçada velha, resiste à modernidade dos tempos, continuando a ser o característico das pequenas localidades do Alentejo. A espessura das paredes e a utilização da pintura em cal branca, são indicadores dos verões quentes e secos que se fazem sentir na região. No inverno, o Rio Xarrama corre pelos arcos da ponte romana *a oitava grande, a sumpstuosa* segundo João Baptista de Castro no *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*<sup>10</sup>, no verão o amarelo e o castanho predominam nas planícies secas onde as grandes plantações de trigo foram sendo abandonadas progressivamente.

Estima-se que a história da vila do Torrão se prolongue desde a época do Calcolítico, segundo as sondagens desenvolvidas junto à Igreja Matriz. Conhecida como sendo terra de Bernardim Ribeiro<sup>11</sup>, que nesta vila nasceu a 1500 ou 1501, a população do Torrão desenvolveu ao longo do tempo uma admiração pela sua riqueza cultural que despoletou na redação de um livro em 2001, *Historial, Recolhas e Memórias da Freguesia do Torrão*<sup>12</sup>. Como autores estiveram as gentes da terra que, usufruindo do seu conhecimento sobre lendas e alguns factos históricos, compilaram para a posterioridade memórias que se iam perdendo com o tempo.

Redigir somente um capítulo sobre a herança histórico-cultural do Torrão é impossível. Nesta dissertação de mestrado o que se pretende descrever são alguns dos principais momentos históricos, bem como os edifícios de cariz religioso e civil que atualmente ainda marcam a freguesia, e são por isso o ex-líbris a visitar.

Segundo a obra *Historial, Recolhas e Memórias da Freguesia do Torrão*, o Torrão foi Sede de Concelho de 1260 até 1835, tendo sido anexado ao Concelho de Alvito até 1870, depois desta data passou a integrar o Concelho de Alcácer do Sal.

Possui um estandarte concelhio do tempo em que era sede de município, acompanhado de um escrito:

---

<sup>10</sup> CASTRO, 1762, p. 121.

<sup>11</sup> Autor da obra *Menina e Moça*.

<sup>12</sup> FAGULHA, 2001.

*"É o estandarte da Câmara antiga desta vila que trouxe de casa da D. Maria Leonor, para se não extraviar desde o dia que servio no ano em que esteve aqui D. Pedro V, em novembro de 1860."*<sup>13</sup>

*"A Ordem aforou o Torrão em 1260, passando a ser vila da Ordem, e novo foral viria a ser concedido à vila em 1512, por D. Manuel I. Em "1490, D. João II, por altura do casamento do seu filho em Évora, concedeu as rendas de um ano de várias vilas, entre as quais a do Torrão. O concelho foi anexado ao de Alvito, tendo depois transitado para o de Alcácer do Sal, por decreto de 3 de abril de 1871."*<sup>14</sup>

Augusto Pinho Leal é uma importante fonte para perceber a dimensão do Torrão nos séculos XVIII e XIX. Segundo o autor tinha 415 fogos em 1768 e 540 fogos no ano de 1880, sendo que século XIX *"o tribunal da mesa de consciência e ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20.000 réis em dinheiro."*<sup>15</sup> Através do mesmo autor sabe-se que Jerónimo Magalhães Brazão de Sande Lança Mexia Salema foi feito visconde desta vila *"em 14 de setembro de 1855"*.<sup>16</sup>

Segundo o *Dicionário de Portugal Antigo e Moderno*, de Augusto Pinho Leal, o Torrão é terra fértil, com muito pastoreio, e com abundante peixe no rio. Em 1560 Brites Pinto, fundou uma casa de recolhimento de beatas que em 1599 foi reconhecida como mosteiro pela infanta D. Maria. Tal como surge referido nas *Memórias Paroquiais* do século XVIII, a feira anual tem duração de três dias no início do mês de agosto, facto que se mantém atualmente.

Sabe-se através deste testemunho de Pinho Leal que em dezembro de 1876 houve grandes temporais que danificaram várias casas e prejudicaram as sementeiras e a produção de azeitona daquele ano.

---

<sup>13</sup> FAGULHA, 2001, p. 19.

<sup>14</sup> In. <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/freguesias/freguesia-do-torrao/> (consultado a 14/2/2018).

<sup>15</sup> PINHO LEAL, 1880, p.595.

<sup>16</sup> PINHO LEAL, 1880, p. 596.

## 5.1. Património Arqueológico

Ao nível arqueológico a freguesia do Torrão possui diversos vestígios de diferentes cronologias. Nos subcapítulos abaixo são apresentados os sítios identificados e descritos segundo a informação do sítio da internet do *Atlas do Sudoeste Português* bem como do *Portal do Arqueólogo*. Salienta-se ainda o projeto *Sado Meso*<sup>17</sup> que pretende estudar as comunidades de caçadores-recolectores, bem como os primeiros grupos agro-pastoris, que se implantaram abaixo do vale do Sado, incidindo assim também na região do Torrão.

### 5.1.1. Arapouco

Identificado um concheiro escavado por Manuel Heleno. Na mesma área foi identificado um forno para fabrico de dolia.

### 5.1.2. Atalaia da Quinta

Foram identificados diferentes períodos cronológicos de ocupação: Calcolítico, Romano, Idade Média e outros períodos indeterminados.

### 5.1.3. Barragem do Vale do Gaio 1, 2, 3 e 4

Vestígios de superfície que variam entre elementos pétreos e cerâmica de comum e de construção característica. Foram também encontradas algumas estruturas o que pressupõe tipos de habitat.

### 5.1.4. Barreirão

Concheiro.

### 5.1.5. Calçada da Barragem do Vale do Gaio

Troço de calçada identificado em trabalhos de prospeção no ano de 2010. É constituída por blocos pétreos devidamente alinhados.

### 5.1.6. Castelos do Torrão

Povoado de onde provêm algum material cerâmico de época Calcolítica.

---

<sup>17</sup> Este projeto foi criado em 2010 com a parceria dos investigadores Mariana Diniz, do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa – UNIARQ, e Pablo Arias Cabal, do Instituto Internacional de Investigaciones Prehistóricas de Cantabria, da Universidade da Cantábria.

5.1.7. Horta das Ameixas

Povoado localizado nas proximidades do Monte da Tumba. Foram encontrados diversos fragmentos de cerâmica de época medieval/moderna.

5.1.8. Horta do Cabral 5

Local sem cronologia específica atribuída.

5.1.9. Horta do Cabral 6

Foram encontradas 17 estruturas negativas de tipo "fossa" associadas ao período da Idade do Bronze.

5.1.10. Horta das Fontainhas

Devido aos restos de escória de ferro, dolia e cerâmica do tipo comum, associa-se este sítio um forno de fundição do período romano.

5.1.11. Horta do Pinheiro 5

Foram encontradas um conjunto de estruturas negativas tipo "fossa", sendo que uma delas foi utilizada como espaço funerário da Idade do Bronze, possui ainda uma área de necrópole islâmica.

5.1.12. Horta do Pinheiro 6

Ocupação associada ao período Neolítico Final onde foram identificadas estruturas negativas do tipo "fossa".

5.1.13. Horta de São Roque 1 e 2

Foram identificados fragmentos de cerâmica comum e de construção, vidro e faiança. As cronologias atribuídas variam entre o período Romano, Moderno e Contemporâneo.

5.1.14. Penedo Minhoto

Área urbana do Torrão. Necrópole romana muito destruída. Foram estudadas duas sepulturas de inumação.

5.1.15. Passadeiras

Localiza-se na envolvente da albufeira a área que possui cobertura herbácea baixa e muito densa, maioritariamente nula para observação de materiais de superfície.

5.1.16. Monte da Serrinha

Zona identificada com tendo tido a presença de fornos de cal. Associa-se ao período Moderno e Contemporâneo.

5.1.17. Monte da Tumba

Povoado fortificado do período calcolítico apresentando espessa linha de muralha guarnecida com bastiões e uma torre central.

5.1.18. Monte dos Mortais

Concentração de fragmentos cerâmicos, grosseiros e bastante desgastados. Identificaram-se lascas de sílex e quartzo, associadas a telhas e telhas, materiais de construção enquadráveis em Época Romana. As características de algum espólio cerâmico sugerem ocupação mais antiga (Calcolítico). Localizada em parcela de cultivo de girassol, possui boa visibilidade geral.

5.1.19. Monte do Pardieiro 2

Local onde foram identificados alguns materiais associados à Proto-História.

5.1.20. Monte do Vale do Hospital 2

Mancha de forma circular a que se atribui a designação de poço. Devido ao espólio doméstico encontrado, associa-se ao período Moderno.

5.1.21. Monte das Cortes Pequenas 3

Num pequeno cabeço, pouco destacado na paisagem, nas imediações de um regato de regime sazonal, foi identificada uma área com a presença de cerâmica comum e cerâmica de construção de cronologia romana.

5.1.22. Monte do Vale Paraíso de Cima 1 e 2

O sítio assenta em pequeno cabeço, povoado por montado. Orienta-se aproximadamente, em vertente virada para a linha de água e onde foi possível identificar cerâmica de cronologia romana. Grande concentração de materiais de construção da mesma época, em posição horizontal, indiciando derrube ocorrido no local.

No segundo sítio foram encontradas lascas de quartzo, aparentemente com retoque. Artefactos raros e pouco dispersos

5.1.23. Nossa Senhora do Torrão

Capela datável de 1145 que teria substituído um antigo ermitério que contia 7 sepulturas escavadas na rocha. Foi encontrada uma a epigrafada com os caracteres muito desfeitos, o seu topo destinar-se-ia a receber uma caixa com relíquias.

5.1.24. Cabeço da Mina

Habitat situado sobre extensa colina onde foi detetado um único nível de ocupação do Neolítico final/Calcolítico.

5.1.25. Várzea da Mó

Jazida de ar livre com níveis de concheiro. O sítio foi escavado nas décadas de 50/60.

5.1.26. Monte das Cortes Grandes

Concentração de espólio cerâmico, exibindo pasta bastante grosseira. Ocupação localiza-se em vertente suave, orientada para o curso de linha de água. Foram identificados materiais de construção e de armazenamento, nomeadamente tégulas, telha e dolium. NO EIA de Vale de Gaio foi designado como Monte das Cortes Grandes 2. Sítio de tipo indeterminado.

5.1.27. Barrada do Grilo

Área com um núcleo de ocupação do Mesolítico e outro do Calcolítico final com cerâmica campaniforme incisa. Não são visíveis estruturas.

5.1.28. Herdade dos Frades

Neste local foram identificados vestígios de alicerces, tégulas, ímbrices, fragmentos de ânfora e um grande conjunto de material romano do qual se destaca uma bacia em bronze, duas enxadas de ferro, um dolium intacto com duas asas. Em 1975 foi oferecida por um particular uma ânfora intacta recolhida nas imediações desta propriedade. Todo o material está conservado no Museu Municipal Pedro Nunes em Alcácer do Sal.

5.1.29. Montes das Cortes Pequenas 1 e 2

Numa pequena elevação, destacada na paisagem, a cerca de 300 m a Este do curral de gado taurino. Foi possível identificar alguns artefactos líticos sobre xisto jaspóide e ainda fragmentos cerâmicos de fabrico manual, numa área reduzida.

O segundo local possui vestígios dispersões de cerâmica não datável.

5.1.30. Fonte da Mina

Jazida de ar livre constituída por três camadas distintas, a última das quais contendo um depósito de concheiro de berbigão e alguma amêijoia, restos faunísticos e uma indústria lítica representada por pequenos núcleos para lamelas em sílex.

5.1.31. Vale de Romeiras

Jazida de ar livre com níveis de concheiro. Tinha uma área estimada em 54 m<sup>2</sup>. Foi totalmente escavado. É o concheiro que apresenta maior número de sepulturas.

5.1.32. Pedra da Anta

Anta que se encontra destruída deste 1898.

5.1.33. Poças de São Bento

O concheiro apresentava inicialmente uma forma ovalada. Os trabalhos arqueológicos aqui efetuados permitiram detetar várias estruturas de combustão (provavelmente relacionadas com o processamento de moluscos), "buracos de poste", e restos antropológicos. A fauna terrestre encontra-se representada por espécies exclusivamente selvagens. Destacam-se ainda os trabalhos levados a cabo pelo projeto *Sado Meso*<sup>18</sup>, que vieram fornecer mais informações com a campanha de escavação de 2010 ao ser identificada uma estrutura negativa, possivelmente uma fossa de armazenamento. Em 2011, o mesmo projeto, identificou neste local uma sepultura de cão doméstico.

5.1.34. Portancho

Área onde foi identificado espólio lítico referente ao Mesolítico e Neolítico, concheiro.

5.1.35. Porto Carro

Provável villa. Entre outro espólio obtido em condições acidentais salienta-se uma ânfora contendo tesouro monetário de distintas cronologias.

5.1.36. Cabeço do Pez

É o maior concheiro do Vale do Sado, com uma área estimada em 4000 m<sup>2</sup>. É constituído por vários níveis de concheiro que embalam restos de estruturas de

---

<sup>18</sup> <https://www.uniarq.net/projecto-retorno-ao-sado.html> (consultado a 12/08/2018).

combustão, provavelmente relacionadas com o processamento de moluscos (berbigão e lamejinha, sobretudo). Os restos faunísticos recuperados até ao momento pertencem exclusivamente a espécies não domesticadas. Esta área foi igualmente utilizada como espaço sepulcral. Este concheiro foi posteriormente reocupado por populações já neolitizadas. Os níveis de ocupação do Neolítico antigo forneceram cerâmica decorada com motivos impressos, incisos e plásticos. Este local encontra-se, tal como as Poças de São Bento, a ser alvo de estudo pelo projeto *Sado Meso*<sup>19</sup>.

#### 5.1.37. São Romão do Sado

Provável villa. A área compreendida entre o conjunto igreja/cemitério e a povoação tem revelado restos de construções. Quatro grandes fragmentos de aras, três dos quais com inscrições datáveis do século I ao século III, foram recuperados aquando das obras realizadas na Igreja Matriz de São Romão.

#### 5.1.38. Cabeço das Amoreiras

Jazida de ar livre com níveis de concheiro e necrópole.

#### 5.1.39. Quinta de Cima

Foram identificados alicerces, cerâmica de construção e doméstica, entre as quais fragmentos de ânfora, e vestígios de calçada.

#### 5.1.40. Quinta de Baixo

Recolhas de superfície de utensílios líticos associados ao Paleolítico inferior.

#### 5.1.41. Orzalão

Extensa área revelando à superfície do terreno numerosos fragmentos de cerâmica de construção e doméstica e um peso de lagar.

#### 5.1.42. Termas Romanas

Na sequência da construção do novo estabelecimento de ensino pré-escolar e primário, foram identificadas diversos tanques e um painel de mosaico que levam a querer que naquele local se situasse um complexo termal. Foram também encontrados três enterramentos que terão aproveitado dois dos tanques das termas.

---

<sup>19</sup> <https://www.uniaraq.net/projecto-retorno-ao-sado.html> (consultado a 12/08/2018).

Os esqueletos encontrados eram de um indivíduo do sexo masculino e outro do sexo feminino, sendo que a mulher possuía um esqueleto de um bebé ao seu colo.

## 5.2. Principais edifícios religiosos e civis de interesse patrimonial

O Torrão é conhecido como a "vila dos oito brasões", devido à existência de várias casas apalaçadas. São casos disso: a igreja da misericórdia, a casa dos Borgios (hoje da família Bertão), a casa do Sr. Adolfo, o Palácio dos Viscondes do Torrão, o Convento das Freiras, a igreja de São Francisco e dois edifícios situados na Praça Bernardim Ribeiro.

A história da vila do Torrão não é apenas feita de acontecimentos, a parte edificada conta também como se desenvolveu esta povoação e que interesse detinha à data das construções. Abaixo surgem referenciados os edifícios e monumentos que constituem o conjunto civil e religioso a visitar na freguesia do Torrão.

### 5.2.1. Ermida de São João dos Azinhais<sup>20</sup>

Representa uma edificação do período romano. Trata-se de um antigo templo dedicado a Júpiter. No ano de 682 d.C., as tropas romanas mataram, na Península Ibérica dois irmãos de 11 anos, cujo nome era Justo e Pastor. A morte destas duas crianças gerou um ambiente de revolta na população que resultou na destruição do templo. No lugar deste foi construída uma Igreja. Este templo dedicado a Júpiter é referido na obra de André de Resende, *Libir Quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae* (trad. *As Antiguidades da Lusitânia*) de 1593. O autor refere-se a este monumento:

*"Sobre o rio Xarrama, 2 mil passos abaixo da vila de Torrão, existiu outrora um templo de Júpiter. Este foi transformado, quando a fé cristã já fortalecera, na igreja dos santos mártires Justo e Pastor. Falei a este respeito no opúsculo a Ambrósio Morales de Alcalá de Henares, homem que merece ser nomeado nestas notas entre outras razões pela sua brilhante erudição.*

*Sobre a porta do templo está uma inscrição do tempo dos Godos, que significa:*

*"Este edifício iniciado em honra dos santos mártires Justo e Pastor, a quem foi dedicado, finalmente foi terminado este trabalho na era de 720."*

---

<sup>20</sup> Ver fotografias 11 a 13 disponíveis no vol. II desta dissertação.

"A Júpiter, Ótimo, Máximo, Flávia Rufina, filha de Lúcio, natural de Mérida, Flamínia da província da Lusitânia e assim como perpétua da colónia Emeritense e do município Slaciense por decreto dos decuriões."

De um lado está representada uma árvore que não reconheço; do lado uma águia de asas abertas, como se fosse levantar voo, segurando nas garras uma raio de três pontas. Um cipo bastante menor mas mais perfeito, em que está escrito:

"A Júpiter Ótimo Máximo. Por terem sido escoraçados Metelo e Pompeio por Quinto Sertório, Júlia Donace trouxe, como oferenda, uma coroa e um cepto de prata. À Flamínia ofereceu uma fíala cinzelada, aos escravos do templo, uma ceia.

Outro cipo, em letra muito cuidada, diz-nos:

"Aqui jaz Lúcio Rúbio Priscino de 26 anos."<sup>21</sup>

Também Augusto Pinho Leal em *Dicionário de Portugal Antigo e Moderno* de 1880 refere:

" (...) na margem do Xarrama, construíram um sumptuoso templo dedicado a Jupiter Olympio."<sup>22</sup>

José d' Encarnação, refere a existência de uma ara votiva na obra *Inscrições romanas do conventus Pacensis*<sup>23</sup>, contendo o seguinte campo epigráfico:

**IOVI ▪ O(ptimo) ▪ M(aximo) ▪ / FLAVIA ▪ L[ucii] ▪ F(ilia) ▪ RVFINA /  
EMERITENSIS  
▪ FLA/MINICA ▪ PROVINC(iae) ▪ / 5 LVSITANIAE ▪ ITEM ▪ COL(oniae) /  
EMERITENSIS / ▪ PERPET(ua) ▪ / ET ▪ MVNICIPI(f) \* SALACIEN(sw) / D(ecreto)  
▪  
D (ecurionum) ▪**

Dimensões: 7 8 χ 5 8 , 5 (base) X 41 (fuste) 5 2 (base). Águia: abertura das asas — 2 6 ; Altura total — 3 1 .

Motivo vegetal: 4 4 X 2 8 ; Diâmetro do <<suporte>>: 2 7 . Campo epigráfico: 44,5 X 29.

<sup>21</sup> RESENDE, 1593, p. 238 a 242.

<sup>22</sup> PINHO LEAL, 1880, p. 596.

<sup>23</sup> ENCARNÇÃO, 1984, p. 254.

Segundo o autor:

*"Ara (?) votiva, a que falta o capitel e a parte superior do fuste. Marmore branco de Pardais (Vila Vicosa), com bandas cinzentas. Trabalhada nas quatro faces, tem moldura na base (filete reverso, toro e gola reversa); a inscrição ocupa uma face do fuste, estando o campo epigráfico, rebaixado, limitado por uma moldura de dois toros separados por uma unha com ranhura exterior. Do lado esquerdo, em relevo, uma águia de asas abertas, verosimilmente olhando para a direita, apoiada numa nuvem ou num tronco estilizado; Hubner chama-lhe fulmen trisulcum; não sendo bem essa a habitual representação dos raios, tal interpretação coadunar-se-ia com a identificação da águia como símbolo de Júpiter. Do lado direito, também em relevo, a arbor incerta (Hubner) parece uma folha de feto assente sobre um semicírculo (a Terra?) completado nos cantos superiores para formar um retângulo; dentre os folículos saem uma espécie de estames com filetes e antera bem redonda e volumosa (símbolo da fecundidade?)—aliás, quererá este motivo designar a perenidade? Não encontramos em Cumont nada de semelhante."*<sup>24</sup>

Segundo as memórias orais dos habitantes foi junto a esta ermida que D. Afonso Henriques acampou com o seu exército, antes de reconquistar Beja. Diz-se que o sucesso da conquista foi graças aos mártires Justo e Pastor. Portanto, parece claro pelo que acima fica descrito, que o templo descrito por André de Resende é hoje o conjunto de ruínas da ermida de São João do Azinhais.

#### 5.2.2. A Igreja de Nossa Senhora da Assunção ou Igreja Matriz

Albergando a Santa padroeira da vila, Nossa Senhora da Assunção, ainda se realizam neste local eucaristias ao sábado; a procissão de Nosso Senhor dos Passos; a procissão de Nossa Senhora da Assunção; procissão de Santa Maria; bem como pontualmente alguns concertos de música clássica devido à favorável acústica que possui.

Integrada na zona habitacional mais antiga da localidade, há muito que a igreja Matriz se ergue na zona dos "Castelos" do Torrão.

---

<sup>24</sup> ENCARNAÇÃO, 1984, p. 254.

Construída durante a época Medieval não se tem certeza a cerca da cronologia exata. Apenas se sabe que pertenceu à Ordem de Santiago, que era legítima proprietária da região em questão, durante os primeiros séculos do domínio cristão.

Durante o século XVI, a Igreja Matriz foi alvo de um plano de reconstrução que, ao que tudo indica, modificou um pouco a sua estrutura original. Desde movimento de obras de construção salienta a existência de alguns elementos arquitetónicos que demonstram o atual estilo manuelino do edifício.

Uma das principais características do estilo manuelino, que se encontra na Igreja da Matriz, é a arquitetura empreendida no pórtico de entrada para o templo. Este pórtico apresenta-se com a utilização de duas arquivoltas na conjugação do portal, bem como com a utilização do arco trilobado que carrega sobre si o escudo real.

O corpo da igreja apresenta-se como tripartido e seccionado em cinco arcos com colunas de capitéis também eles manuelinos.

No que diz respeito à planta do edifício esta surge com alguns modificações, sobretudo de época moderna, que divergem do que possivelmente teria sido a sua planta original. Atualmente a Igreja Matriz surge, para além do primitivo corpo de três naves e capela-mor ambas retangulares, com mais oito capelas, uma torre sineira e duas sacristias. Atendendo à informação extraída do site do Património Cultural, a capela-mor já não se apresenta na sua estrutura original datando possivelmente do século XVII. A capela-mor é característica pelo seu:

*" (...) arco triunfal de arco de volta perfeita, de feição toscana, ostenta um retábulo rococó de ampla tribuna axial, mas de méritos artísticos notoriamente modestos, proveniente da igreja do Sacramento, de Lisboa."*<sup>25</sup>

Caraterizando a torre sineira, bastante característica na vila do Torrão pelo seu cata-vento, conclui-se que:

*" (...) é de secção quadrangular de dois andares e possui vãos sineiros de volta perfeita, encimados por cornija com pináculos e remate piramidal a eixo."*<sup>26</sup>

Ao nível de obras no edifício, destaca-se: o século XVI com intervenções ao nível do portal principal, dos capitéis facetados, e da decoração vegetalista; no século XVII

<sup>25</sup> In. <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73703> (consultado a 06/11/2016).

<sup>26</sup> In. <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73703> (consultado a 06/11/2016).

existiram intervenções na capela-mor, construiu-se oito capelas, uma torre sineira e duas sacristias; no século XVIII deu-se a introdução de obras de retabularia no interior; por último no século XX ocorreu um restauro integral, nos anos 40 ao nível da reconstrução da abóbada da capela-mor, e nos anos 70, com um restauro integral da igreja.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 surgem as seguintes referências a este edifício religioso:

*" (...) Tem Igreja Matrys, e está em hum alto para a parte Poente fora da Villa, junto ao Paço do Gram Mestre Dom Jorge; a que chamão o Castello, hoje aruinado cercado de muro de taipa; o qual vizitou Dom Rodrigo de Menezes ffidalgo da Caza da Sua Magestade, Comendador das Comendas da Villa de Caçella e da Igreja do Salvador de Samtarem, e Treze [sic] e João Fernandes Barregão Prior de Nossa Senhora do Castello de Alcacer, ambos visitantes, em Dezembro de mil e quinhentos secenta, e sinco. E achou quatorze cazas altas forradas de cortiça; muitas officinas, cavalhariças; e hoje tudo aruinado.*

*Hé o orago da Matrys, Nossa Senhora da Assumpção tem dés altares, o altar mayor bem adornado, a capella grande boa tribuna, hé de naves com colunas, como era a Igreja de Sam Nicolao da cidade de Lisboa. Primeiro collatral, a Senhora da Vittoria dos Brancos. O Senhor Santo Antonio, em cuja capela está a Veneravel imagem do Senhor dos Pasos Terçeira capela, do Senhor Santo Amaro com graves quadros, pintura antiga. Quarta capela à da Senhora do Rozario, Imagem veneranda, e prodigioza; de grande estatura, cuja capella mandou ffazer o Padre Simião Fernandes Ilhoa; e não asignou seu testamento nem teve effeito; a qual fazenda ficou a Alvaro Correa de Freittas da Villa de Alcaçer do Sal; e servia de carneira, e me fés escriptura della para a dita Senhora, que hoje se acha com grave tribuna; bem pintada, e ornada a capella da Senhora com bons vestidos; e que tudo se deve à minha devoção que tenho a ditta Senhora, e despeza. = Segunda Nave esquerda, colatral, Nossa Senhora dos Remedios = Capella do Nome de Jesus = Capella de Santa Catherina, Padroeiro Dom João Deça de Alcaçer = Capella das Almas todas tem Irmandades; humas com livro de receita e despeza; outras de devoção, ttodas*

*são fundas, e bem pintadas e de abobeda, exçeto [sic] as colatraes, o que tudo se déve ao meu cuidado, e despeza; porque parecia aquella Igreja indecente = Hé a ditta Igreja forrada de madeira, estradada com sepulturas divididas, que eu mandei fazer, por ser ladrilhada, e mal hé bastante grande, boa sanchristia, sanchristia do sacramento, ambas de abobeda. (...)."<sup>27</sup>*

Através do excerto acima apresentado conclui-se que existiram bastantes transformações até à atualidade. Para começar, o número de capelas laterais foi reduzido, em vez de dez altares passou para oito como surge apresentado nas Memórias Paroquiais. A igreja possui agora apenas oito altares laterais, sendo que um deles se trata de uma capela com pia batismal. Por outro lado, os santos ao culto neste local também tiveram algumas modificações.

O Prior da Matriz Francisco Carneiro Abreu relata que na igreja existe uma capela devota a Senhora Vitória dos Brancos, Senhor Santo António, Senhor dos Passos, Senhor Santo Amaro, Senhora do Rosário, Nossa Senhora dos Remédios, Capela Nome de Jesus, Capela de Santa Catarina e Capela das Almas. Ao tentar confrontar o nome destas capelas e respetivos santos devotos, chegámos à conclusão de que as capelas que ainda continuam a comportar estes são: a capela da Senhora Vitória dos Brancos (que corresponde à capela com a imagem de Santa Maria); a capela do Senhor dos Passos; a capela de Santo Amaro; a capela do Nome de Jesus (onde se encontra a imagem e respetivo altar de Jesus Crucificado); capela de Santo António; e a Capela da Senhora do Rosário. Em relação aos outros santos mencionados não encontrei relação com aqueles que existem na igreja, atualmente. As principais divergências surgem na incorporação da imagem com altar de São Sebastião e na extinção de imagens como Santa Catarina e da capela das Almas, bem como a introdução de uma capela com uma pia batismal.

Em termos arquitetónicos, os tetos de madeira bem como a presença de sepulturas continua a estarem a adornar a igreja.

Através da pesquisa documental no site do *Património Arquitetónico*, deparei-me com a existência de diversos documentos que fazem referência à igreja em estudo. Nestes documentos, que datam de finais dos anos 30 e inícios dos anos 50, a informação

---

<sup>27</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 596 e 597.

histórica é bastante rica. É possível perceber quais e o porquê de certas alterações arquitetónicas deste espaço.

Após a leitura de cerca de cento e trinta e um documentos, apenas seleccionei os que me pareceram mais importantes e também relevantes para o estudo em questão. A sua análise permite identificar importantes cronologias históricas que tiveram importância para a história do templo cristão.

Se através da leitura das Memórias Paroquiais da vila, é possível estabelecer alguns paralelos em relação à arquitetura interior da igreja naquele tempo e atualmente, através desta correspondência foi possível perceber quais os elementos arquitetónicos iniciais do edifício.

Ao longo dos anos, desde 1938 até sensivelmente 1947, achei interessante elaborar um quadro em que fosse possível perceber de forma concisa e simples quais as principais informações que os documentos apresentavam. Assim sendo, foi possível perceber que durante a década de trinta do século XX a infraestrutura da igreja se encontrava em estado de degradação. Em termos concretos, foi devido a esta degradação e, por consequência, inutilidade do templo enquanto sítio de exercício da fé, que alguns elementos construtivos e característicos da igreja foram levados. Falo por exemplo dos azulejos tipicamente portugueses do século XVII, que foram retirados e levados para uma outra igreja das Caldas da Rainha, em 1939.

Apesar de a igreja se encontrar inativa, era vontade da população voltar a erguer perante a sua fé, a Igreja Matriz do Torrão. Muitos pedidos de ajuda para restauro da igreja foram feitos para a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, durante a década de quarenta. A resposta que era dada baseava-se sobretudo no não merecimento de obras, pois encontrava-se em abandono contínuo há mais de dez anos.

Para além dos azulejos que foram retirados, como acima referido, também a talha dourada da igreja tomou um novo rumo. A fim de incorporar a Nau de Portugal na Exposição do Mundo Português em 1940, a talha dourada da Matriz do Torrão rumou até Lisboa, com a promessa de que no final da Exposição voltaria a regressar à igreja de origem. Tal não aconteceu. Muitos pedidos de devolução da talha foram feitos, tanto pelo do próprio pároco da vila como até por parte do presidente da Comissão

Fabriqueira do Torrão. A nenhum foi possível ter uma resposta definitiva e que de facto trouxesse de volta a talha dourada. Desde 1941 até 1945, todas as cartas enviadas não obtiveram uma resposta favorável. Só em julho de 1946, o Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais, enviou à paróquia do Torrão uma carta onde era perguntado se havia problema em a talha que viria para o Torrão ser outra e não a original. A talha que iria ser colocada na igreja era proveniente do Museu Nacional de Arte Antiga.

Uma vez que os anos em que se aguardava pelo regresso da talha dourada inicial serem já eram muitos, foi aceite uma outra. Contudo, também esta demorou a chegar à Matriz do Torrão, passando por processos de restauro no Mosteiro dos Jerónimos, falta de painéis que a constituíam e até por problemas monetários para descolar até ao Torrão. Foi colocado por volta dos finais da década de quarenta, do século XX.

A talha dourada da Igreja Matriz do Torrão foi bastante documentada na altura do seu "desaparecimento". Atendendo à importância conferida ao assunto, a própria população e entidades responsáveis do Torrão fizeram de tudo para que a talha da igreja regressa-se ao seu respetivo local de origem. No Jornal "Novidades" a 7 de Julho de 1958, surge uma notícia intitulada "Para onde foi a talha dourada da Igreja Matriz do Torrão do Alentejo?". Neste artigo é dito que a talha foi compra em leilão e que se encontra numa capela privada no Portinho da Arrábida.

A 22 de Agosto de 1958 o caso torna-se mais importante com a entrada na Polícia Judiciária no assunto.

Atualmente a talha dourada foi recuperada mas não na sua totalidade.

#### 5.2.3. Igreja e Convento de São Francisco

Foram fundados no século XVI e entregue à ordem Franciscana. No século XVIII é relatada a presença de várias pessoas e "(...) com o habitto de Sam Francisco."<sup>28</sup> Atualmente é utilizado como IPSS (instituição de solidariedade social).

#### 5.2.4. Hospital da vila do Torrão

Encontra-se atualmente fora de serviço e em estado de degradação. Recorrendo às Memórias Paroquiais de 29 de junho de 1758, perceber-se que, à data, o Hospital ainda se encontrava em ativo:

---

<sup>28</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 602.

*"Tem Misericórdia e Hospital administrado pello Provedor, e Meza (...)." <sup>29</sup>*

Note-se que já em 1510 surge a referência à existência de um Hospital na vila, porém, é dito que se encontrava adjacente à ermida de Nossa Senhora. É descrito da seguinte maneira:

*"(...) tem quatro leitos com as suas camas, onde dormem os pobres, um leito sem camas, uma arca grande com dois colchões limpos, dois chumaços, duas mantas, três cobertas e dois lençóis. Todas estas peças estão em bom estado de conservação. (...) A capela e o hospital foram instituídos por Margarida Arreda, deixando muitos bens para reparar e corrigir." <sup>30</sup>*

#### 5.2.5. Ermidas do Torrão

Encontram-se referenciadas nas *Memórias Paroquiais* do século XVIII, cinco ermidas: a ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso, a ermida de São Fausto, a ermida de São Roque, a ermida de São Pedro Príncipe da Igreja, e a ermida do Espírito Santo:

*"A Senhora do Bom Sucesso, com a invocação de Sam João Baptistta da parte do poente com vestígios de antiguidade; e logo abaxo da ditta Igreja se acha muitos aliçerces, e dizem, ser aly recolhimento das virgens Vestáes [sic], e outras muittas couzas. Si itta est, nescio = Outra capella com invocação do Senhor Fausto da parte do Noroeste alem da Ribeira, advogado dos quebrados, e tem feito muitos milagres, aonde vem muitos romeiros, e o Santo está em seu carvalho, e hum tiro de espingarda está huma lapa, aonde, dizem, se recolha o Santo sahindo aos caminhos apregar; e dizem, padeceo martirio em Cordova. Da parte do Sul pertto de villa está huma capella do Senhor Sam Roque advogado da peste, aqual estava aruinada nas abobedas, e a mandei reparar. Outra capella do Senhor Sam Pedro Principe da Igreja. Outra capela na praça com a invocação do Espirito Santo não tem padroeiros, todas são sujeitas à Matrys." <sup>31</sup>*

---

<sup>29</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 599.

<sup>30</sup> BASTO, 2003, p. 91.

<sup>31</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 600.

#### 5.2.6. Capela de São João da Ponte ou de São João Nepomuceno

Localizada sobre a ponte romana que atravessa o Rio Xarrama, encontra-se uma capela de pequenas dimensões, mais conhecida como capela de São João da Ponte. Segundo as fichas de sítio do inventário do património histórico-cultural de Alcácer do Sal, a sua construção remonta o século XVIII.

*"A fachada principal, onde se abre o portal de entrada em arco abatido, apresenta um remate em frontão de lanços, com um pássaro ao centro, e por cima um arco sineiro, encimado por uma cruz."*<sup>32</sup>

No interior, é possível contemplar pinturas murais de motivos vegetalistas que variam entre os tons verde, vermelho e azul. Não contém nenhum santo no pequeno altar que possui. Presume-se que a capela foi mandada erguer por Severino José Xavier, entre outros devotos da vila do Torrão, acreditando que auxiliaria contra as inundações do Rio:

*"e hoje hum nicho com o Senhor Sam João Nepomeçeno, cujo mandou fazer, de esmolos, e a Imagem do Santo, Severino Joze Xavier, e outros devottos."*<sup>33</sup>

Por curiosidade, salienta-se o facto de, segundo a *Gazeta de Lisboa* de 1832, surgir referido o prior do Torrão com o nome de João Nepomuceno Rozado.<sup>34</sup>

#### 5.2.7. Igreja de Nossa Senhora da Albergaria

Foi mandada edificar por D. Margarida de Areada em 1495. Em 1636, foi englobada nas igrejas da Misericórdia por ordem do Cardeal D. Henrique. Possui quatro retábulos de arte sacra do século XVI alusivos à *Anunciação, Visitação, Nascimento e Calvário de Cristo*. Tem no seu interior imagens em madeira de Nossa Senhora da Albergaria, Nossa Senhora de Fátima, São Vicente, São Agostinho e uma imagem em marfim de Jesus morto.

#### 5.2.8. Convento de Nossa Senhora da Graça ou Convento das Freiras

Teve na sua origem uma casa de recolhimento de beata instituída por Maria Pinta, com invocação a Santa Marta.

---

<sup>32</sup> In. <http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/148> (consultado a 23/02/2018).

<sup>33</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 604.

<sup>34</sup> *Gazeta de Lisboa*, 1832, p. 42.

*" (...) outro de Religiozas de Santa Clara com a invocação da Senhora da Graça, instituidora Maria Pinta; e outra, que vivião aly como beatas com huma capella de Santa Martha: e obtiverão licença da Mesa da Consciencia para fundarem; ficando as offertas para os Piores. Tem boa Igreja de abobeda, bastante Convento çerca, que lhe acrecentou o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Dom Frey Miguel de Tavora, a quem são sujeittas: estão muito pobres, e o estiverão muito mais se o ditto senhor lhe não dera tanto, quanto lhe tem dado com mão liberalissima de Principe."<sup>35</sup>*

Foi mandado fundar por Brites Pinto em meados do século XVI, que cedeu parte de um terreno seu<sup>36</sup>. Mais tarde, em 1599, recebeu a designação de Mosteiro pela infanta D. Maria, "dando-lhe muitas rendas".<sup>37</sup>

*"... (tem um convento) de Freyras da mesma Ordem (Franciscanos), da invocação de N<sup>a</sup> Senhora da Graça, que se fundou pelos annos de 1560, com licença del Rey D. Sebastião em humas casas de Brites Pinta, mulher nobre, & era naquelle tempo Recolhimento dedicado a S. Martha. Depois pelos annos de 1599, se fundou o Convento com esmolas, que a Infanta D. Maria lhe deo."<sup>38</sup>*

Surge no *Agiológio Lusitano* de 1666, a seguinte informação:

*"A Madre Francisca das Chagas, foi hua das quatro Terceiras, que acharão as fundadoras de Nossa Senhora do Torrão, quando forão plâtar naquella limitada casa a segunda Regra de S. Clara, anno 1559. A quem o Ceo tinha reuelado alguns antes, como em seu pobre Oratório, se auia de collocar ainda o Tabernáculo do Sanctissimo Sacramento, cousa que ella muito desejava, & pedia com instancia ao Ceo. Repetindo muitas vezes com grande feruor de espiritu: Por ventura, Senhor, serei nella esposa vossa? Até que mereceo ouuir de sua sgrada boca: De soança tu serás. Como se vio depois, pelo religioso vinculo da profissão, que fez nella, em que permaneceu até morte, a qual lhe sobreueio aos 50 de idade, no de 1609. Segundo autenticas relações, que deste*

---

<sup>35</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 598.

<sup>36</sup> FAGULHA, 2001, p. 32.

<sup>37</sup> PINHO LEAL, 1880, p. 596.

<sup>38</sup> CARVALHO DA COSTA, 1708, p.485.

*Conuento se nos comunicarão, por meio do Chandre d'Euora manonel Seuerim de faria, que Deos tem.*"<sup>39</sup>

Pertencia, tal como a Igreja e Convento de São Francisco à Ordem dos frades Menores - Ordem de São Francisco. A sua extinção remonta a 20 de setembro de 1882, após a morte da última religiosa que nele habitava, madre D. Francisca Dionísia do Carmo. Através de um documento existente na Torre do Tombo, acerca do inventário de extinção do Convento, sabe-se que todo o edifício foi arrematado por 500.000 réis por Manuel de Moura, a 18 de dezembro de 1894. Segundo o mesmo documento, os bens do Convento estão espalhados por Alcácer do Sal, Ferreira do Alentejo, Alvito, Almodôvar, entre outros locais. Perto dos anos 90 do século XIX, o edifício conhece novos donos que permanecem até hoje.

#### 5.2.9. Palácio dos Viscondes do Torrão

Teve como proprietários os Viscondes do Torrão e os Duques de Aveiro. Os seus primeiros proprietários foram José Baião Lança Parreira do Sado e D. Catarina. O primogénito deste casal, foi o primeiro Visconde do Torrão, Jerónimo de Magalhães Baião de Sande Lança Mexia, por decreto a 14 de setembro de 1855. O palácio é atualmente propriedade da Santa Casa da Misericórdia, funcionando como Lar e Centro de Dia da Terceira Idade.

#### 5.2.10. Igreja do Carmo

Atual edifício da Junta de Freguesia e do Pólo da Biblioteca Municipal, foi o antigo *Paços do Concelho*. Nesta igreja, foi fundada a Casa do Povo do Torrão, em 1938.

#### 5.2.11. Fonte Santa

Segundo a população, a sua origem remonta ao período Romano. Diz o povo que tem uma conduta com mais de 100m, onde é possível caminhar de pé. A sua lenda está associada com a ida de noivas à fonte, para pedir desejos e beber a sua água, para que os mesmos se concretizassem.

#### 5.2.12. Cruzeiro da Igreja da Misericórdia

Deslocado do seu sítio original em 1817, em frente à igreja da misericórdia, o cruzeiro permanece desde então a poucos metros, distante da igreja.

---

<sup>39</sup> GEORGE, 1666, p.41.

### 5.2.13. Cruzeiro ou Obelisco de Algalé

Terão sido executadas cerca de trinta pessoas, a 4 de novembro de 1833, na sequência da derrota dos Liberais na Batalha da Barrosinha, em Alcácer do Sal, contra os Miguelistas. Este monumento encontra-se a cerca de 9km de distância da vila do Torrão. Nesta pedra encontra-se gravada a circunstância em que se terá dado o massacre bem como os nomes dos executados.

## 6. Visitações à Vila do Torrão (1510 e 1534)<sup>40</sup>

A vila do Torrão pertencia ao senhorio Santiaguista. As *Visitações da Ordem de Santiago* aos senhorios que lhe pertenciam, tinham como objetivo verificar o estado de conservação dos bens das propriedades espatárias, bem como o comportamento dos seus membros. Em vinte e quatro anos, o Torrão, apenas foi "visitado" duas vezes. Apesar de nos regimentos desta Ordem surgir que tinham que ser realizadas anualmente visitas às propriedades, apenas existem dois registos de Visitações ao Torrão: uma no ano de 1510 e outra em 1534.

As Visitas são muito importantes pois permitem conhecer o senhorio Santiaguista e a população local quinhentista, permitem ainda avaliar o estado de conservação dos edifícios, aspetos socioeconómicos, a vida religiosa e cultural e a relação entre o Torrão e a Ordem de Santiago. Tratam-se de dois livros manuscritos em pergaminho que, tinham cosidos a si várias folhas que se referem a provimentos posteriores<sup>41</sup>.

### 6.1. Visitação de 1510

A Visitação de 1510, teve início a 7 de Novembro e é justificada porque "*avia muitos annos e tempo que nam fora vysitado*"<sup>42</sup>. Foi feita por João de Braga, prior mor da Ordem e Francisco Barrada, chanceler da Ordem. Como ajudantes da visita são referidos:

---

<sup>40</sup> Códices referentes às Visitações da Ordem de Santiago à Vila do Torrão: IAN/TT., Ordem de Santiago, código nº 51, visita de 1510; IAN/TT., Ordem de Santiago, código nº 186, visita de 1534.

<sup>41</sup> Trata-se de um Regimento de 1478 e outro de 1508. No primeiro apenas é dito que foi realizado em Alcácer do Sal e continha as normas que os visitantes deveriam de respeitar para a consecução da sua atividade fiscalizadora. No segundo é dito que foi realizado em Palmela e no qual foram eleitos quatro Definidores para "modernizar" e reformar a Ordem.

<sup>42</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, código nº 51, fl. 2.

*" (...) Leonel Rodrigues e Gil Rodrigues na qualidade de juizes; Gonçalo Rodrigues, João Rodrigues Pixeiro e Gomes Dias da Costa, como vereadores do Torrão; Luís Gonçalves Alcoutim, como procurador do concelho e Diogo Coelho, enquanto escrivão da visitação. Por sua vez, a Visitação de 1534, foi realizada por Álvaro Mendes, cavaleiro da Ordem de Santiago, Afonso Rodrigues, prior da igreja de São Pedro e Diogo Rodrigues, escrivão da Visitação".*<sup>43</sup>

A Visitação é iniciada com o seguinte texto:

*"Dom Jorge filho d'el rei Dom Johão meu senhor que Deus aja per graça de Deus mestre de Samtiago e d'Avis Duque de Coimbra senhor de Momtemoor e de torres Novas e das beatrias etc. Fazemos saber a vos prior e beneficiados desta nosa villa do Terrão juizes e aos vereadores oficiaees e vasallos delia e a quamtos a presemte visitaçam virem que visitamdo nos ora pessoalmente o dito mestrado de Samtiago per eleiçam dos dofymdores e de todo o capitólio segundo estaa declarado na eleiçam que no começo do tonbo fica. O qual avia muitos annos e tempo que nam fora vysitado e tinha muita necessidade d'aver mester e corregimemto e reformaçam asy nas pesos dos cavaleiros e clérigos da dita ordem como nos beens posições jurdições e direitos delia que ao presemte amdavam mui emlheados."*<sup>44</sup>

A Visitação inicia-se pela Igreja de Santa Maria tendo a duração de dois dias. A 8 de novembro são visitadas as capelas desta mesma igreja, é visitada a confraria de Nossa Senhora<sup>45</sup>, a Capela de Madalena Fernandes<sup>46</sup>, a de João Pinheiro<sup>47</sup> e a de João Falcão<sup>48</sup>.

A 9 de novembro, é visitada a Capela do Santo Espírito<sup>49</sup>, a Ermida de Nossa Senhora<sup>50</sup> e o seu hospital<sup>51</sup>.

---

<sup>43</sup> BASTO, 2003, p. 44.

<sup>44</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 2.

<sup>45</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 8 v.

<sup>46</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 9 v.

<sup>47</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 9 v.

<sup>48</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 10

<sup>49</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 10 v.

<sup>50</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 11 v.

<sup>51</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 13 v.

A 11 de novembro chegam à Ermida de São Sebastião<sup>52</sup>, à Ermida de São João e à Ermida de São Fausto e por fim à Ermida de São Roque<sup>53</sup>. Salienta-se o facto de se referir que a Ermida de São Fausto pertencia à freguesia de Santa Maria<sup>54</sup>, ao contrário das restantes, que fariam parte da freguesia do Torrão.

Pertencentes também à freguesia de Santa Maria, no dia 12 de novembro, foram visitadas as Ermidas de Santa Margarida e a Ermida de Santo Estevão, desconhecendo-se atualmente a sua localização.

A Visitação à vila do Torrão foi dada como terminada no dia 13 de novembro de 1510.

### 6.2. *Visitação de 1534*

Esta Visitação foi decidida em capítulo Geral da Ordem de Santiago, a 13 de outubro de 1534. Foram eleitos como visitantes: Álvaro Mendes, cavaleiro da Ordem de Santiago, e Afonso Rodrigues, prior da igreja de São Pedro. Infelizmente não se encontram disponíveis todos os fólios deste processo de Visitação.

A Visitação foi iniciada a 27 de janeiro, com a presença das seguintes testemunhas: Fernão Cardim, almoxarife do Mestre, Martim Giraldes, cura do Torrão, Simão Amado e João Dias da Costa, escrivão da visita.

Foi visitada a confraria de Nossa Senhora<sup>55</sup>, a Ermida de São Sebastião<sup>56</sup> e a Ermida de Nossa Senhora bem como o seu hospital instalado nessa mesma Ermida<sup>57</sup>, no dia 29 de janeiro.

Procede-se a visita com a Ermida de São João<sup>58</sup>, Ermida de São Fausto<sup>59</sup>, Ermida de Santa Margarida, e a Ermida de Santo Estevão<sup>60</sup>. Depois realizou-se a visita à Ermida de Santiago, que se encontrava junto à ribeira de Odivelas, à Ermida de São Roque.

---

<sup>52</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 14.

<sup>53</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 16 v.

<sup>54</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 16.

<sup>55</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 11 v.

<sup>56</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 12.

<sup>57</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 12 v.

<sup>58</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 13.

<sup>59</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 13 v.

<sup>60</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice nº 51, fl. 14.

### 6.3. Património, bens e direitos na vila do Torrão

A Ordem de Santiago desempenhava, na primeira metade do século XVI, um grande poderio senhorial na vila do Torrão.

No século XVI, a propriedade da vila do Torrão era explorada em regime direto, ou seja, contratando pessoal para trabalhar nos campos agrícolas. Normalmente eram feitos contratos de emprazamento de três vidas, ou seja, o primeiro contrato era celebrado para com o casal, como primeira e segunda vida, sendo os descendentes como terceira vida.

Em termos concretos, as Visitações de 1510 trouxeram para o Torrão o *Regimento das Sesmarias*<sup>61</sup> o que demonstra a preocupação pelo fomento agrícola da vila. Trata-se de um Regimento dado ao almoxarife da vila e onde lhe é concedido o poder de doar sesmarias:

*" (...) todos os matos e terras maninhas reservando os coutos do comcelho que som necessários pêra os pastos dos gaados dos moradores (...)"*<sup>62</sup>

O almoxarife teria ainda:

*" (...) lugar e licemça aos que quizerem fazer moynho d'agua doce com tall comdiçam que paguem algum foro aa ordem aalem do dizymo ou conhecemça que ouverem de pagar e esto dará de infatiota pêra sempre e omde ouver salgado se pagara da agoa e terradego o dito foro aliem do dito dizymo e conhecemça (...)."*<sup>63</sup>

### 6.4. Propriedades Rurais

No que diz respeito às propriedades rurais da vila, estas vêm descritas como reguengos, terras, casais, coutadas, farregais, olivais, caneiros. Constituírem ainda as propriedades fornos e moinhos, estes são muito importantes *" (...) no aproveitamento dos recursos económicos e normalmente são entregues à exploração através de um*

---

<sup>61</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, código nº 51, fls. 23 v – 25 v.

<sup>62</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, Código n.º 51, fl. 23 v

<sup>63</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, Código n.º 51, fl. 25 v.

*contrato perpétuo.*"<sup>64</sup> Nos códices analisados são referidos dois moinhos: um na Ribeira do Xarrama e outro na Ribeira de Rio de Moinhos<sup>65</sup>.

### 6.5. Propriedade Urbanas

*"Através das visitas analisadas as propriedades urbanas do Torrão são «casas» em número indefinido, um castelo e uma adega."*<sup>66</sup>

É fornecida na documentação um exemplo das dimensões de uma casa. Esta teria o comprimento de quatro varas e meia e, de largura, cinco varas, o que equivale a uma área de 27, 23 m<sup>2</sup>.

Relativamente ao castelo desta vila, tanto nas Visitas de 1510 como nas de 1534, é descrito como estando em ruínas e cercado por um muro, não sendo fornecida qual seria a sua localização exata. Não se sabe ao certo quantas casas e salas o constituíam. Segundo a informação recolhida por Ana Bastos, o castelo possuía<sup>67</sup>:

- ❖ Duas grandes salas ladrilhadas e com chaminé, cobertas de telha vã;
- ❖ Uma «casa» térrea com sobrado e chaminé, que tinha um guarda-roupa na primeira sala;
- ❖ Uma sala grande com uma escada que vai contra o Levante e, em cima dela, duas câmaras sobradadas e forradas de cana, ambas com chaminé e suas «logeas». Dentro da sala grande está uma cozinha com uma grande chaminé, um sótão pequeno e uma outra "casa" com um sótão, que serve de celeiro de pão.
- ❖ Pegado a estas "casas", existia um quintal cercado de taipa que parte do Sul, com setes "casas" térreas que servem de estrebaria.

Na Visita de 1534 surge a seguinte descrição do castelo do Torrão:

*" (...) as casas do dito castello estam muito daneficadas e telhados e madeiramento e sobrados e todolos portais das ditas casas não teem portas nem menos janelas e as escadas teem os degraos tirados e a casa do cileiro e a*

---

<sup>64</sup> BASTO, 2003, p. 57.

<sup>65</sup> Não é referido o moinho de São Fausto o que demonstra que a sua construção é posterior à data das Visitas.

<sup>66</sup> BASTOS, 2003, p. 64.

<sup>67</sup> BASTOS, 2003, p. 65.

*cozinha e todo o outro apousemtamento de homems e estrabarias estam derribados per terra.*"<sup>68</sup>

## 6.6. As Igrejas

Relativamente ao Prior da Igreja de Santa Maria os juízes e vereadores disseram:

*"(...) sy e que ho fazia mui bem e lhes preegava e fazia estações aos domingos e que todas heram muitos comtemtes iso mesmo dos raçoeiros e foram perguntados polia vida e custumes do dito prior e disseram alguas cousas em que lhe achamos defeito e nos ho ememdamos como nos bem pareceo."*<sup>69</sup>

## 7. Memórias Paroquiais da Freguesia do Torrão (1758)

As *Memórias Paroquiais* são um relato bastante importante que permitem perceber, à data, como é que estariam organizadas as populações religiosamente. Com o intuito de obter melhor conhecimento sobre o território, esta prática setecentista baseava-se na resposta a um inquérito feito ao pároco<sup>70</sup>. Possuindo ao longo do tempo diferentes entidades responsáveis, em 1758 era o Padre Luís Cardoso (1697-1769) o coordenador do interrogatório. As *Memórias Paroquiais* da vila do Torrão foram feitas pelo, à data, Prior da Igreja Matriz da dita vila, Francisco Carneiro de Abreu. Nas primeiras linhas deste interrogatório é indicado o número de habitantes (1257), o número de casas (415) e as herdades que circundam a freguesia (480).

Descrevendo a implementação geográfica da vila do Torrão, o Prior esclarece que se encontra numa zona de planície banhada pela Ribeira do Xarrama. Esta ribeira é descrita como sendo muito *rápida* no inverno e *novica* no verão pelas águas que lhe ficam retidas nos seus pegos. É rica em peixe tais como tainhas, barbos, bogas, gardelas, irozes, salmões e outros. Corre por baixo de uma ponte com seis arcos, o maior com 125 palmos de altura, tendo a ponte de comprimento 68 varas. Possui um nicho dedicado a São João Nepomeceno.

---

<sup>68</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, Códice n.º 186, fl. 27.

<sup>69</sup> 206 IAN/TT., Ordem de Santiago, códice n.º 51, fl. 3v.

<sup>70</sup> No vol. II desta dissertação, encontra-se disponível a transcrição na íntegra das *Memórias Paroquiais* do Torrão.

De entre as casas mais importantes que marcam lugar na vila, é salientado o Paço do Grão Mestre D. Jorge, ao qual a população lhe chamaria *O Castelo*. Porém, encontrava-se muito degradado.

Como orago possui a Igreja da Matriz dedicada a Nossa Senhora da Assunção, na qual ainda hoje se celebram eucaristias. Relativamente à Igreja Matriz, o Prior descreve-a com bastante pormenor, indicando quais são as capelas laterais que possui, a que santo são dirigidas e por que confrarias são cuidadas.

No que respeita aos Conventos que a vila tem, são inumerados dois: o Convento de Religiosos de São Francisco e o Convento de Religiosas de Santa Clara com invocação a Nossa Senhora da Graça.

Tanto o Hospital como a Santa Casa da Misericórdia eram administrados pelo Provedor. O Hospital tinha no seu interior um capela de abóbada concebida pelo Arcebispo D. Frei Miguel de Távora.

Possui cinco ermidas, a de Nossa Senhora do Bom Sucesso à qual lhe estão associadas casas de hospedaria (ainda hoje presentes e em muito bom estado de conservação); a de São Fausto; a de São Roque; a de São Pedro Príncipe da Igreja; e outra de invocação ao Espírito Santo.

É dito que é terra de muito centeio, trigo, cevada e azeite. Possuía à data da realização do interrogatório 8 moinhos em funcionamento.

São enumeradas pessoas ditas de virtude como o Senhor Frei D. Afonso, O Africano, que terá casado numa das casas da vila; a mãe de São Francisco de Borja do Morgado dos Castros que terá saído do Torrão para se casar em Castela; e dois homens que terão partido para a cidade de Dio na Índia, e que lá fizeram muitas proezas<sup>71</sup>.

A feira franca já se realizava em agosto, tal como ainda continúa a acontecer.

Já no século XVIII se fazia referência à existência de uma grande conduta de água ligada à Fonte Santa. Diz o Prior que terá sido obra dos mouros, uma vez que até à

---

<sup>71</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 601.

altura *a terra cheira muito delles*<sup>72</sup>. Ou seja, existiria muita gente de traços mais negros que lhe fariam associar aos ditos mouros.

Com o terramoto de 1755 terão sofrido danos a igreja da Matriz, a igreja da Misericórdia; a igreja do Espírito Santo e a ermida de São Fausto.

O Prior Francisco Carneiro de Abreu termina o interrogatório dizendo que disse tudo o que sabia acerca da vila, tendo em conta de que do Torrão não era natural, era transmontano. Refere ainda que não existe pároco mais obediente e fiel a Majestade Fidelíssima do que ele mesmo<sup>73</sup>.

## PARTE II

### 8. São Fausto

---

*"(...) Senhor Fausto da parte do Noroeste alem da Ribeira, advogado dos quebrados, e tem feito muitos milagres, aonde vem muitos romeiros, e o Santo está em seu carvalho, e hum tiro de espingarda está huma lapa, aonde, dizem, se recolha o Santo sahindo aos caminhos apregar; e dizem, padeceo martirio em Cordova."*

Memórias Paroquiais, 1758, p. 600.

---

Para iniciar o estudo do sítio arqueológico de São Fausto, é necessário compreender a origem da denominação do próprio local. Sabendo que o sítio está ligado a um culto religioso, é fundamental tentar estabelecer uma ligação que sustente o culto à figura devota.

Atualmente não existe nenhum culto na população do Torrão em relação à figura de *São Fausto*. Apenas se sabe que à data da publicação das *Memórias Paroquiais* (1758) a devoção ainda existia. Outra interrogação que persiste é saber qual a motivação para a construção da ermida e em que perspetiva existia fé nesta figura, sem esquecer o

---

<sup>72</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 602.

<sup>73</sup> Memórias Paroquiais, 1758, p. 605.

agora destruído oratório que existia sobre o monumento megalítico. O paradeiro da imagem não é conhecido. Todas estas interrogações fazem do estudo do complexo arqueológico de São Fausto uma aventura. Compreender a importância do local, dará a possibilidade de construir um esquema cronológico de ocupação.

A tarefa inicial foi recolher o maior número de referências bibliográficas que se referiam de qualquer forma a São Fausto. Contudo, algumas vezes o nome surge de forma variada como: *Fausto*, *Faúst* ou *Fragusto*. As referências encontradas incidem nas seguintes obras: "*Flos Sanctorum de Las Vidas de Los Santos*" do Padre Pedro de Ribadeneira do ano de 1709<sup>74</sup>; "*Martirologio Romano*" do ano de 1748; "*Enciclopédia Universal Espasa-Calpe*" do ano de 1924; "*Santos de Cada Dia*" parte II do ano de 1987; e "*Santoral Diabólico*" do ano de 1988. Obras como "*Antas-capela e Capelas junto a Antas*" de 1994-1995 e "*Historial, Recolhas e Memórias da Freguesia do Torrão*" de 2001, fazem referência ao Santo, contudo de forma breve a fim de contextualizarem o próprio sítio. Junto a Oriola, volta-se a identificar o topónimo *São Faraúst* que foi objeto de estudo e cujo relatório se intitula "*São Faraúst 2, uma villa romana dedicada à fundição (Oriola, Portel)*".

Começamos por analisar pormenorizadamente cada obra:

### 8.1. *Martirologio Romano (1748)*<sup>75</sup>

Consultando a fonte *Martirologio Romano* de 1748, livro litúrgico que contém o elenco dos Santos e Beatos honrados pela Igreja Católica Romana, foi possível perceber que o nome *Fausto* surge relacionado com onze diferentes dias de celebração. São eles: 24 de junho, 16 de julho, 1 de agosto, 6 de setembro, 8 de setembro, 3 de outubro, 4 de outubro, 13 de outubro, 19 de novembro e 26 de novembro. Analisando a versão disponível online surgem apenas referências aos dias: 8 de setembro, 28 de setembro, 3 de outubro e 13 de outubro<sup>76</sup>. A seguinte tabela faz a compilação das referências tanto na fonte documental como online.

<sup>74</sup> Note-se que apesar de existirem edições mais antigas, a consultada trata-se de uma edição traduzida do século XVIII.

<sup>75</sup> Martyrologio Romano, 1748.

<sup>76</sup> In. <http://www.liturgia.pt/martirologio/pesquisa.php> (consultado a 30/05/2017).

<b>Dia de veneração:</b>	<b>Fonte escrita:</b>	<b>Sítio na Internet:</b>
	<i>Martyrologio Romano</i>	<a href="http://www.liturgia.pt">http://www.liturgia.pt</a>
<b>24 de junho</b>	<i>"Tem em Roma, dos Santos Martyres Fausto, e de outros vinte e tres."<sup>77</sup></i>	
<b>16 de julho</b>	<i>"Em Casthágo, de s. Catulino Diácono, de cujos louvores fez Santo Agostinho hum Semão ao povo; e dos Santos Januário, Florêncio, Júlia e Justa Martyres, os quaes forão sepultados no Basilia de Fausto."<sup>78</sup></i>	
<b>1 de agosto</b>	<i>"Tem em Roma, na estrada Latína, dos Santos Martyres Bóno Presbytero, Fausto, Amáro, e de outros nove; dos quaes se faz menção nos Actos de Santo Estevão Papa."<sup>79</sup></i>	
<b>6 de setembro</b>	<i>"Em Alexandria, dia dos Santos Martyres Fáusto Presbytero, Macário, e de dez seus companheiros, os quaes, em tempo do Emperador Décio, e do Presidente Valério,</i>	

<sup>77</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 155.

<sup>78</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 175-176.

<sup>79</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 191.

	<i>degollados por amor de Christo, derão fim a seu martyrio.</i> <sup>80</sup>	
<b>8 de setembro</b>	<i>"Em Antioquia, dos Santo Martyres Timótheo, e Fáusto."</i> <sup>81</sup>	Em Alexandria, no Egípto, os santos <b>Fausto, Dio e Amónio</b> , presbíteros e mártires, que, na perseguição do imperador Diocleciano, receberam a coroa do martírio juntamente com o bispo São <b>Pedro</b> . († c. 311)
<b>28 de setembro</b>		Em Riez, na Provença, região da Gália, na atual França, São Fausto, bispo, anteriormente abade do mosteiro de Lérins, que foi mandado para o exílio pelo rei Eurico, por ter escrito, contra o arianismo, sobre o Verbo Encarnado e o Espírito Santo consubstancial ao Pai e eterno com o Filho. († d. 485)
<b>3 de outubro</b>	<i>"No mesmo dia, dos Santos Martyres Dinis, Fáusto, Cáyo, Pedro, Paulo, e de outros quatro; os quaes, tendo padecido muito, em tempo de Emperador</i>	Em Alexandria, no Egípto, a comemoração dos santos Fausto, Caio, Pedro, Paulo, Eusébio, Queremão, Lúcio e outros dois, que, no tempo do imperador Décio e do

<sup>80</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 229.

<sup>81</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 231.

---

	<i>Décio; imperando depois Valeriáno, sendo por muito tempo atormentados, por mandado do Presidente Emiliáno, alancarão a palma do martyrio.</i> <sup>82</sup>	imperador Valeriano, por ordem do prefeito Emiliano, sofreram muito, juntamente com o bispo Dionísio, como confessores da fé; a eles se associa Fausto, que sofreu o martírio no tempo do imperador Diocleciano. († s. III/IV)
<b>4 de outubro</b>	<i>“Em Alexandria, dos Santos Presbyteros, e Diáconos Cáyo, Fáusto, Eufébio, Queremòn Lúcio, e de seus companheiros, dos quaes huns, na perseguição de Valeriáno, forão com effeito Martyres, outros servindo aos Martyres, receberão a mesma gloria do martyrio.”</i> <sup>83</sup>	
<b>13 de outubro</b>	<i>“Em Códova, cidade de Hespanha, dia do Santos Martyres Fáusto, Januário, e Marçal, os quaes vexados primeiramente com a pena do equúleo, depois raspadas as sobrancelhas, arrancados os dentes, cortadas as</i>	Em Córdova, na Hispânia Bética, os santos Fausto, Januário e Marcial, mártires, que adornam a cidade como três coroas. († s. III/IV)

---

<sup>82</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 255.

<sup>83</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 256.

---

	<p><i>orelhas, e narizes, finalmente pelo tormento do fogo consumirão o seu martyrio.</i>"<sup>84</sup></p>	
<b>19 de novembro</b>	<p><i>"No mesmo dia, de S. Fáusto Diácono Alexandrino, o qual desterrado primeiramente com S. Dinis, na perseguição de Valerião, depois na perseguição de Dioclecião, sendo já muito velho, consumou o seu martyrio, morto aos fios da espada."</i><sup>85</sup></p>	
<b>26 de novembro</b>	<p><i>"Em Alexandria, dia de S. Pedro Bispo da mesma Cidade, o qual, sendo ornado de todas as virtudes, foy degollado por mandado de Galério Maximião. Padecerão também da mesma Alexandria, e na mesma perseguição dos Santos Martyres Fáusto Presbytero, Didio, e Amónio: item Filéas, Hesyquio, Pacómio, e</i></p>	

---

<sup>84</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 264.

<sup>85</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 299.

*Theodóro Bispos de Egypto,  
com outros seiscentos e  
sessenta; aos quaes a  
espadada perseguição  
abrio caminho para o  
Ceo.*<sup>86</sup>

### 8.2. *Memórias Paroquiais da Vila do Torrão (1758)*

No interrogatório feito ao Prior da vila no século XVIII surge apenas referência que a figura cultuada na ermida de São Fausto se trata de um mártir advogado dos quebrados que terá morrido em Córdoba. Tinha feito à data muitos milagres, vindo muitos romeiros até ao local.

### 8.3. *Flos Sanctorum da Vida dos Santos, pelo Padre Pedro de Ribadeneira (1790)*

Analisando a entrada referente ao mês de outubro, a figura do Santo Fausto vem associado a mais dois santos: Januario e Marcial. Estas três figuras vêm associadas à região de São Marcelo, Centurion. São considerados santos mártires pois morreram por Cristo em Córdoba.

*“Tres hijos de San Marcelo, Ceturion, llamados Fausto, Januario, y Marcial, padeceieron martyrio en Cordova, siendo Presidente Eugenio, y fue tan grande su fervor, y deseo de morir por Christo, que sim ter llamados, (à lo que parece) se se presentaron al Juez, e le reprehendieron; porque com crueldad trataba à los siervos del Dios verdadero. (...) fueron atormentados, y despedazados com penas rigurosas. Despedazaron a Fausto poco a poco, para que durasse mas el tromento: cortaronle las orejas, y las narices: rayeronle cruelmente los cabellos, y las cejas: arrancaronle los diente de las encias de arriba; y el Santo Martur todo lo sufría com gozo, y júbito de su carazon, haciendo gracias al Señor. (...) y eram reverenciados sus cuerpos, llamados algunas veces: Los Tres Martyres. (...) El año de mil quinientos setenta, y cinco, à viente, y ano de Noviembre,*

<sup>86</sup> Martyrologio Romano, 1748, p. 304.

*cavando no cimientto de la Iglesia de San Pedro de Cordova (...) se descubrió un sepulcre de pedra tosca con ciertas letras, que leidas, feñalaban estar alli los Santos Martyres de Jesu-Christo, Fausto, Januario, y Marcial, Zoylo, y Acielo, y outros (...).*<sup>87</sup>

O relato diz:

*"despedaçaram Fausto pouco a pouco, para que durasse mais o tormento cortaram-lhe as orelhas, e as narinas, arrancaram-lhe o cabelo (...)"*<sup>88</sup>.

Tanto Fausto, como Januario e Marcial foram queimados na fogueira. Receberam a denominação de *Os Santos Mártires*. Na obra *Flos Sanctorum*<sup>89</sup>, surge a referência de que no *Martirologio Romano* também estão citados a 13 de outubro.

Surge a referência de que na igreja de São Pedro de Córdoba está uma sepultura de pedra cujos corpos são destes mártires.

#### 8.4. *Enciclopédia Universal Espasa-Calpe (1924)*

Segundo a Enciclopédia Universal Espasa-Calpe, São Fausto vem descrito como alguém que:

*" (...) foi morto pela fé de Cristo, por um pirata Manuca, na Sicilia em 541, e cuja festa se celebra a 5 de Outubro (...)."* <sup>90</sup>

#### 8.5. *Santos de cada dia (1987)*

Nesta obra associa-se a figura de Fausto novamente os santos mártires Januario e Marcial. É dito que foram perseguidos pelo governador romano Eugénio durante as perseguições da Igreja.

O martírio destes não resultou de perseguição mas sim de entrega dos mesmos ao governador. Na obra em análise é dito que os três mártires chegaram junto do governador romano Eugénio e que lhe disseram:

---

<sup>87</sup> RIBADENEIRA, 1790, p. 245.

<sup>88</sup> RIBADENEIRA, 1790, p. 245.

<sup>89</sup> RIBADENEIRA, 1790.

<sup>90</sup> Enciclopédia Universal Ilustrada, 1924, p. 405.

*"Que fazes ou pensas Eugénio? Porque persegues os servos de Deus em lugar de acreditares no que eles acreditam?" Surpreendido com esta apóstrofe, que tomou por ousadia, perguntou-lhes: Quem sois vós, desventurados, que assim ousais falar? – Nós, respondeu Fausto, como cristãos: reconhecemos um só Deus verdadeiro, por quem tiveram o ser todas as criaturas; a Ele adoramos e reverenciamos; os vossos ídolos só têm o ser que lhe deram as mãos homens, sem que nesles haja outra virtude senão a que a vossa cegueira lhe atribuiu; e com tudo isso não vos envergonhais de adorar as obras de vossas mãos, deixando de fazê-lo com o Criador de todas as coisas. – Que desespero vos impeliu a procurar a vossa perda? – Vós é que sois o desesperado vos impeliu a procurar a vossa perda? – Vós é que sois o desesperado, pois tendo ódio ao nome cristão, pode-se-vos perguntar que tendar com inocentes, que em nada vos ofenderam, cujo nome está em reconhecerem por seu Deus a Nosso Senhor Jesus Cristo".<sup>91</sup>*

Com estas palavras pronunciadas pelos três mártires, Eugénio mandou que os seus homens os sacrificassem. A Fausto *"mandou que lhe cortassem as orelhas, o nariz, as sobrancelhas e o lábio inferior, que lhe arrancassem os dentes superiores (...)"*<sup>92</sup> mas mesmo assim continuou a rezar e a louvar ao Senhor. Ao verem, Januario e Marcial, o sacrifício que estavam a fazer a Fausto, não voltaram atrás com a sua fé, acabando por serem os três condenados à fogueira. Nem o próprio fogo queimou os corpos, os seus restos mortais foram guardados pelos fiéis até à implementação do cristianismo como religião oficial. Foi construído depois um templo dedicado só ao culto destas relíquias que mais tarde se passou a denominar como igreja de São Pedro.

Na obra em análise é citado que o sacrifício praticado aos mártires se realizou a 18 de outubro de 307.

#### 8.6. Santoral diabólico (1987)

Nesta obra surge novamente a referenciada ao martírio de três santos em Córdoba, sendo o seu dia de culto celebrado a 13 de outubro. Contudo, surge mais três santos

---

<sup>91</sup> LEITE, 1987, p. 162.

<sup>92</sup> LEITE, 1987, p. 162.

com o mesmo nome: um está relacionado com um soldado martirizado em Milão no século II; outro que terá sido um escritor e abade francês do mosteiro cisterciense de Lérins no século V; e por fim um que está relacionado com a região de Bujanda, País Basco.

É neste último que se refere a presente obra. É na localidade de Bujanda<sup>93</sup>, desde 614, que se encontra a múmia de um santo cujo nome será *Fausto Lavrador*. Terá nascido em Alguaire, Espanha. Diz-se que foi raptado pelos "mourous" e levado como escravo de um homem rico que "*terá introduzido o conhecimento da agricultura*"<sup>94</sup>. Depois de tempo preso, e sempre pedido em súplicas que fosse libertado, acabou por regressar aplicando os seus conhecimentos em agricultura. Como último desejo, pediu para ser sepultado em Bujanda.

#### 8.7. *Antas-Capelas e Capelas junto a Antas no Território Português – elementos para o seu inventário (1994-1995)*<sup>95</sup>

O artigo sobre a anta-capela de São Fausto sugere que o dia 18 de outubro era o dia de celebração e culto. Neste dia celebrava-se não só a devoção dos torranenses para com o santo, como também a sua morte em Espanha.

Mais se refere que, a São Fausto no Torrão, está associada a lenda de que teria aparecido a um moiral a imagem deste santo e que, protagonizou um milagre. Ao saberem disto, a população do Torrão começou a dedicar devoção a este santo. Construíram uma capela (atual ermida de São Fausto), contudo cada vez que colocavam a imagem do santo na ermida, na manhã seguinte esta estava de regresso à anta-capela.

#### 8.8. *Historial, Recolhas e Memórias da Freguesia do Torrão (2001)*

Atendo à informação apresentada no livro *Historial, Recolhas e Memórias da Freguesia do Torrão*, São Fausto é apresentado como alguém que teria sido "*morto num cavalo em Córdoba*"<sup>96</sup>. A devoção por este Santo leva a população do Torrão a acreditar que

---

<sup>93</sup> Bujanda trata-se de uma localidade muito pequena situada na província de Álava, País Basco (Espanha). Atrai alguns visitantes devido à presença de São Fausto mumificado na sua igreja paroquial.

<sup>94</sup> ATIENZA, 1987, p. 459.

<sup>95</sup> OLIVEIRA et al., 1996, 293-295.

<sup>96</sup> FAGULHA, TELO, 2001, p. 28.

auxiliaria contra as febres, pragas e pestes. Segundo as memórias orais dos torranenses, a sua imagem terá surgido sobre o chapéu da anta.

#### 8.9. *São Faraústo 2, uma villa romana dedicada à fundição (2007)*

Na zona de Oriola (Portel), existe uma ermida dedicada a São Faraústo. Atendendo à semelhança com "Fausto", pareceu-me importante dedicar uma parte deste capítulo à análise breve do relatório de trabalhos arqueológicos feitos neste local.

Segundo a autora Susana Rodrigues Cosme<sup>97</sup>, nas proximidades do local existe uma villa romana cuja cronologia se insere entre o século I d.C. e o século V d.C. e que está organizada entre zona habitacional e zona industrial, o que demonstra que teria tido alguma importância na altura.

Em relação à ermida, pensa-se que o santo devoto tenha sido um mártir subjugado aos romanos. A edificação terá tido origem por volta dos inícios do século XVI.

Em suma, com base na bibliografia analisada a primeira conclusão a retirar é que consoante a fonte, a informação sobre São Fausto sofre variações.

Se analisarmos a obra *Flos Sanctorum da Vida dos Santos* do Padre Pedro de Ribadeneira, São Fausto vem associado à mais dois santos mártires: Januário e Marcial. Nesta obra são relatados as atrocidades que fizeram a estas três figuras em Córdova. Em Santos de Cada Dia, também é dito que Fausto, Januário e Marcial foram santos mártires, contudo esta obra refere que a morte destes santos foi obra de um governador romano. Ou seja, durante as perseguições à fé cristã pelos romanos, Fausto foi submetido a tortura acabando por morrer na fogueira. É dito ainda que o dia do sacrifício foi a 18 de outubro do ano de 307. Note-se que a obra *Antas-Capelas e Capelas junto a Antas no Território Português* (1994-1995) refere que a data de veneração ao santo mártir seria a 18 de outubro, data essa onde a figura seria exposta no nicho da anta.

Em relação à data de culto a São Fausto, a informação ainda é mais dispensa e tendo em conta as obras analisadas sugerem-se as seguintes datas: 8 de setembro; 28 de setembro; 3 de outubro; 5 de outubro; 13 de outubro e 18 de outubro. Desta forma, é

---

<sup>97</sup> COSME, 2007, p. 412-419.

muito difícil confirmar qual seria a data exata de culto no Torrão a São Fausto, para além disso as histórias associadas a estes nomes também divergem tanto em relação ao conteúdo como ao local em que ocorreram. Salienta-se a existência de uma localidade no concelho de Guimarães com o nome de São Faustino cujo seu símbolo se trata de uma espada, sendo o seu dia festivo 13 de outubro. Note-se que esta localidade teve a denominação primeiramente de *São Fausto de Riba de Vizela* até 1434 e posteriormente *São Faustino de Vizela*.

Atendo ao sítio de implantação da Anta-Capela e da Ermida de São Fausto no Torrão, é possível que o culto a São Fausto esteja associado à história que vem relatada na obra *Santoral Diabólico*, pois aqui se conta que Fausto foi levado pelos "mourous" (provavelmente os romanos) e durante o tempo que trabalhou como escravo aprendeu técnicas de agricultura nunca antes utilizadas. Ao regressar à sua terra natal (Bujanda - Espanha), aplicou as técnicas de cultivo e desenvolveu a produção. Se, segundo as memórias orais do Torrão, se consta que a população se dirigia a esta ermida para terem boas culturas e estarem livres de pragas, será possível que a devoção esteja associada a este santo.

Em relação à data exata de festividade ao culto de São Fausto não foi possível associar com total veracidade um dia específico.

## 9. O complexo arqueológico de São Fausto

---

*"(...) o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história."*

ELIADE, 1992, p. 14.

---

### 9.1. O Homem, o espaço e o culto

Desde o início da sua existência, o Homem está ligado ao meio que o rodeia. Sente necessidade de encontrar elementos naturais ou sobrenaturais que o façam sentir-se especial num determinado lugar ou que o façam estipular metas para a sua existência.

A fé não é necessariamente um culto que tem que ser igual para todos os Homens. Cada indivíduo ou comunidade, pode afeiçoar-se a um determinado elemento que lhe transmite energia ou motivação para enfrentar o que seja. São muito comuns os simbolismos e cultos da Terra Mãe, da fecundidade humana e agrária, da sacralidade da mulher, entre outros. Cada culto está inteiramente ligado com o "momento" que se está a viver. Por exemplo, uma sociedade pré-agrária não pode sentir com igual intensidade o culto da terra mãe e da fertilidade, ao nível agrário, que uma sociedade agrária pode sentir e experienciar. Ou seja, a experiência religiosa e espiritual tem que ser entendida de diversas maneiras, tendo sempre em conta o contexto vivenciado. Existe um elo de ligação que, une as diferentes sociedades e o tipo de simbolismos sagrados que possuem: o mundo vegetal e o mundo animal, sobretudo ao nível das comunidades caçadoras-recolectores e posteriormente, as comunidades sedentárias do Neolítico.

O complexo arqueológico de São Fausto permite perceber como é "fácil" tornar algo profano em sagrado. É um facto que a comunidade que construiu o pequeno nicho sobre o chapéu da anta, provavelmente não saberia que aquela estrutura foi construída para desempenhar a função de túmulo. Contudo, crentes no mito da existência de São Fausto sobre o chapéu do monumento megalítico, decidiram construir uma pequena capela que guardaria a figura do santo, podendo ser venerado a qualquer momento.

Se se analisar o contexto espacial em que o sítio arqueológico está inserido, é fácil perceber que se torna atrativo construir naquele local alguma estrutura de culto. Assente sobre uma pequena colina elevada sobre a planície, o complexo arqueológico de São Fausto, possui muita visibilidade. A partir deste sítio é possível deslumbrar toda a vila do Torrão, parte do Rio Xarrama e ainda uma possível zona de extração de pedra de onde poderá ter sido extraída a matéria-prima para a construção do monumento megalítico. Para além disto, pode ser levantada a possibilidade de, a denominada *calçadinha romana* (estrada que fazia parte do itinerário XII romano que ligaria *Pax Iulia* – Beja, a *Ebora* – Évora), ser avistada do espaço geográfico de São Fausto. Porém, como não é visível todo o troço, não se sabe ao certo como estaria orientada. Pelos

motivos já enumerados, torna-se um local propício à fixação do Homem e sobretudo à sua sacralização.

*" (...) a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo resantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. Definitivamente, é graças ao Templo que o Mundo é resantificado na sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários."<sup>98</sup>*

Reza a lenda de que São Fausto<sup>99</sup> teria aparecido sobre o chapéu da anta a um pastor que, por aquelas bandas guardaria o seu rebanho. História rica contada pelos populares torranenses diz-se, que em homenagem ao santo mártir, se decidiu construir um pequeno nicho oratório sobre o chapéu da anta para que, naquele local onde outrora aparecera, pudesse ser venerado. Aumentando o número de fiéis e devotos a este santo, o povo decidiu levar a imagem para a vila do Torrão. Porém, todas as manhãs o santo voltava a surgir no pequeno nicho da anta. Reza a lenda que o santo queria estar no local onde anteriormente aparecera. Desta forma, e respeitando sua vontade, as gentes do Torrão decidiram construir um templo que distava poucos metros da anta para que ali fosse São Fausto albergado. São ainda visíveis restos de uma estrutura argamassada no interior da anta, o que supõe a existência de um culto primitivo feito na câmara do monumento megalítico. Terá sido esta a primeira "morada" de veneração de São Fausto? Muito possivelmente. A construção de um nicho oratório sobre o chapéu da anta terá surgido posteriormente.

A esta lenda pode associar-se um forte apego e emotividade das gentes do Torrão com este local. Não será demais reforçar que, uma das hipóteses para a pergunta *quem foi São Fausto?* se associa à existência de um homem que após ter sido feito escravo romano, aprendeu técnicas relacionadas com a prática agrícola que, mais tarde terá aplicado na sua terra natal em Espanha. Este apego dos torranenses a esta "personagem" terá muito a ver com a economia local maioritariamente dependente da agricultura. Não nos esqueçamos que o Torrão, ainda hoje em dia, é terra de

---

<sup>98</sup> ELIADE, 1992, p. 37.

<sup>99</sup> A informação foi recolhida a partir das memórias orais dos torranenses.

homens do campo, ligados à agricultura e pastorícia. São estas as fontes de rendimento destas gentes. Maus anos agrícolas e morte do gado representam a pobreza e a falta de trabalhos para esta comunidade. Pensamos por isto que a denominação de *orada dos aflitos*, que o sítio de São Fausto adquiriu, se relacione com este fenómeno de apego ao culto.

A atual dimensão da ermida de São Fausto permite atribuir o culto a São Fausto uma dimensão considerável. Tendo em conta que a ermida possa ter sofridos acrescentos ao longo do tempo do tempo<sup>100</sup>, é certo que a sua fase final resume-se a um templo capaz de receber muito fiéis. Não se despreze a possibilidade da primitiva arquitetura da Ermida de São Fausto estar relacionada com a construção de uma cuba ou morabito ao que corresponde atualmente à galilé do templo. A esta construção foi anexado um corpo de igreja virado para nascente. Denote-se que as duas edificações - cuba e corpo de igreja – foram encostadas e não interligadas de uma só vez. Esta constatação permite-nos afirmar, sem sombra de dúvida, a diferença temporal dos dois templos.

Atribui-se portanto um carácter sagrado a este sítio que, continuamente foi ocupado pelo Homem e onde se desenvolveu um culto, atualmente extinto, a São Fausto. A duração cronológica deste culto e em que comunidades foi assimilado será um assunto a tratar nos capítulos posteriores desta dissertação. Este monumento, anta-capela, já se encontra identificado pela população deste há muito tempo, tendo sido registado no *Portal do Arqueólogo*, apenas em 1999<sup>101</sup>.

Apesar de atualmente não se encontrar visível, a anta de São Fausto teve, até por volta de 1995, um pequeno nicho sobre o seu chapéu. Não se sabe ao certo o porquê da sua construção, nem quando é que terá sido edificado.

<sup>100</sup> Assunto que será abordado nesta dissertação no capítulo referente à ermida de São Fausto.

<sup>101</sup> Os responsáveis pela elaboração do Estudo de Impacte Ambiental deste projeto de construção foram João António Ferreira Marques, Maria João Marques de Sousa Vieira Jacinto, Maria Pilar Miguel dos Reis e Rafael António Ezequiel Alfenim. Informação disponível em: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=trabalhos.resultados&subsid=127886&vs=57594> (consultado a 30/03/2018) e <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=trabalhos.resultados&subsid=127872&vp=47138> (consultado a 30/03/2018).



Figura 2 Anta-capela de São Fausto, 1994, cedida por OLIVEIRA. J.

O acesso para a câmara do monumento é feito pelo lado poente. Devido à deslocação dos esteios da câmara, bem como das restantes pedra que constituiriam o corredor de acesso ao interior do monumento megalítico, não é possível definir com exatidão quais seriam os locais que ocupavam. Atendendo à composição atual da anta de São Fausto, sabe-se que a câmara possui sete esteios sendo que alguns se encontram tombados para o corredor. Relativamente ao chapéu do dólmen, o seu aspeto tosco e robusto evidencia a falta de preocupação, no que ao talhe da pedra diz respeito. Tal como já referido num dos capítulos iniciais desta dissertação, (*Enquadramento geográfico, morfológico e geológico*), este grande monólito foi retirado na íntegra do solo, tendo sido diretamente empregue na função que desempenha. O esteio de cabeceira está fraturado. Parte do corredor é ainda visível e onde se podem encontrar restos de esteios que o constituiriam. São visíveis restos de uma estrutura feita em pedra em torno do monumento megalítico e também restos de mamôa. Segundo informações que obtive junto de habitante do Torrão, o círculo em pedra que rodeia o monumento megalítico, foi construído aquando da plantação de oliveiras naquele terreno. Todas as pedras que foram recolhidas na área a cultivar, foram levadas para junto da anta, a fim de delimitar a zona a não cultivar.

O pequeno nicho que encimava o chapéu da anta foi sinónimo de singularidade do sítio arqueológico de São Fausto. Tendo sido destruído em meados dos anos 90 do século passado, esta construção albergaria o santo que ainda hoje dá o nome àquele local. A singularidade deste sítio e o deslumbre despertado para a pesquisa deste trabalho, foram em parte baseados no facto de, à data, não se registar a presença de mais nenhuma anta com um nicho/capela, como a de São Fausto. Os casos de estudo que mais à frente serão apresentados, correspondem a antas que passaram a ter no interior da câmara capelas ou igrejas que foram adossadas a antas já existentes.

Numa tentativa de enumerar a sequência de ocupação do sítio de São Fausto, é possível desenvolver o seguinte esquema cronológico:

**0) Razões para a ocupação do espaço?**



**1) Construção da anta.**

- Primeiro momento de ocupação arquitetónica do espaço.



**2) Presença romana no sítio.**

- Segundo momento de ocupação, testemunhado a partir dos diversos materiais/cerâmica encontrados em prospeção: fragmentos materiais de construção (tégulas); cerâmica comum; e um fragmento de ânfora.



**3) Possível construção de um morábito ou outro tipo de arquitetura islâmica, atual galilé da Ermida de São Fausto, segundo Correia de Campos (1970).**

- Presença islâmica no local testemunhada pelos vestígios de cerâmica melada com decoração em manganês, segundo OLIVEIRA, Jorge et al., 1996.



**4) Construção do pequeno nicho oratório sobre o chapéu da anta.**

- Início da veneração a São Fausto.



**5) Construção da Ermida de São Fausto.**

- Possível cristianização do morábito e ampliação, provavelmente muito devido ao aumento do culto.



**6) Construção de um moinho.**

- Poderá corresponder ao que Leite de Vasconcellos diz ter sido construído um moinho com pedras de uma anta destruída, e que se encontrava nas proximidades do sítio de São Fausto (VASCONCELLOS, 1898, p. 115).



**7) Destruição da capela que encimava o chapéu da anta (finais do século XX).**

- A singularidade do espaço foi completamente destruída não sendo possível deslumbrar atualmente qualquer tipo de vestígio dessa mesma construção.

#### 9.1.1. Covinhas como decoração dos esteios

Trata-se de uma anta com *covinhas* gravadas nos seus esteios e que, devido a estarem no interior da câmara, levam a acreditar que possam ter sido reaproveitados para esta construção. O posicionamento da gravação destas covinhas nos esteios da anta, evidenciam que devem ter sido feitos antes da construção do monumento megalítico. Segundo as possíveis funcionalidades que as denominadas *covinhas* possam ter tido ficam em aberto as possibilidades. Existem algumas teorias sobre a possível função e significado destas gravações rupestres. Variando conforme o contexto em que foram identificadas são colocadas hipóteses relacionadas com o decorrer de cerimónias, visitas a um determinado local simbolicamente importante ou para assinalar uma determinada ordem quando apresentadas em sequências organizadas (como provavelmente seria no Santuário Exterior do Escoural<sup>102</sup> e tantos outros sítios). Podem ser associadas à indicação da presença naquele local de um sítio específico ou caminho a percorrer para o mesmo. Coloca-se ainda a hipótese de estarem associadas à delimitação de áreas<sup>103</sup>. Em termos cronológicos uma data que baliza este tipo de arte rupestre associa-se ao já referido Santuário Exterior do Escoural, em que as escavações arqueológicas realizadas no povoado calcolítico que lhe está sobreposto, sugerem o Neolítico final (finais do 4º Milénio a.C./inícios do 3º milénio a.C.)<sup>104</sup>. Reportamo-nos aqui ao Santuário do Escoural pois é o mais próximo do sítio em estudo.

Constituindo ainda hoje um grande enigma para a arqueologia, existem diversos casos de rochas com este tipo de gravação. O mais bem estudado trata-se do afloramento no vale da Ribeira da Pracana em Mação, que foi alvo de estudo por parte de Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes nos anos setenta do século XX bem como dois menires com gravação da Charneca do Vale Sobral-Alagoa em Nisa. Depois destes principais dois estudos surgem vestígios arqueológicos sobretudo no Alto Tejo português (concelhos de Vila Velha de Rodão, Castelo Branco e Idanha-a-Nova). Salienta-se ainda todo o trabalho desenvolvido por Leonor Rocha na área do Alentejo Central.

---

<sup>102</sup> GOMES et al. 1983.

<sup>103</sup> BRADLEY et al. 1994.

<sup>104</sup> GOMES, 1991.

Se na maioria dos casos a gravação é feita na zona superior das rochas, no caso dos esteios da anta capela de São Fausto, a gravação visível está aparentemente na face interna dos esteios do corredor.

Por toda a Europa se conhece este tipo de manifestações que, poderemos considerar artísticas. Damos aqui apenas alguns exemplos no panorama nacional:

1. Em Idanha-a-Nova:
  - 1.1. Cabeço do Mouro, onde foram identificados dez monólitos que possivelmente integraram um recinto megalítico.
  - 1.2. Couto de Santa Marina, terá existido neste local uma capela em honra a Santa Marina e um túmulo escavado na rocha.
  - 1.3. Santa Madalena, neste local existe uma Ermida, uma necrópole e túmulos escavados na rocha. Nas proximidades da Ermida existem dois núcleos de rochas com *covinhas*.
  - 1.4. Couto da Espanhola, as rochas deste local integram um conjunto com dezassete monumentos.
  - 1.5. Cabeço Alto foi encontrado um bloco de xisto com três *covinhas*.
2. Em Castelo Branco:
  - 2.1. Senhora das Neves e São Domingos, trata-se de dois núcleos a uma distância de 400m. Um dos blocos em grauvaque tem 85 *covinhas*; o outro é constituído por seis painéis que no total têm 138 *covinhas*.
3. Em Vila Velha de Rodão:
  - 3.1. Malaguarda, encontrado um painel em xisto com 125 *covinhas*. A 2km de distância localiza-se um povoado pré-histórico.
  - 3.2. Vila Ruivas e Rio Ocreza, painel de xisto com 5 *covinhas* e outro painel com 17 *covinhas*, respetivamente.
4. Em Nisa:
  - 4.1. São Pedro-Alagoa, identificados dois menires em granito sendo que num deles são visíveis 24 *covinhas* que terão sido gravadas antes da sua ereção.
5. Outros exemplos:
  - 5.1. Ribeira da Pracana em Mação encontrado um afloramento xistoso onde se totalizam blocos com mais de 100 *covinhas*.

Salientam-se ainda alguns exemplos deste tipo de gravação rupestre pré-histórica em locais de culto histórico (ermidas) que permitem perceber a continuidade de ocupação e tradição sagrada daqueles locais: Capela de São Miguel (Monsanto), Capela de Santa Agueda (Marateca-Lardosa), Capela de São Luís (Castelo Branco), Capela de Nossa da Graça (Vila Velha de Ródão), e Capela de Santo Amaro (Fratel).

### 9.2. *Anta-capela de São Fausto, uma construção singular?*

As antas-capela em Portugal são ainda uma realidade em discussão no panorama arqueológico português. A sua adaptação para a realização de um determinado culto ainda apresenta algumas interrogações: porque é que um monumento megalítico foi escolhido para albergar um culto religioso católico? Porque é que foram escolhidas para se transformarem em capelas? Em que medida a sua função original pode estar relacionada com a transformação em capela?

A predominância das antas-capela incide sobretudo na região do Alentejo. Contudo, não se pode deixar de colocar a hipótese da possível existência de outros monumentos que possam ainda não ter sido identificados ou terem sido destruídos anteriormente.

A cristianização das antas dá-se sobretudo entre o século XVI e o século XVIII. Regra geral, a adaptação do monumento megalítico em capela é muito básica, mantendo normalmente a arquitetura original e continuando, em algumas das vezes, os esteios visíveis.

Se tivermos em conta as antas-capela identificadas em território nacional, enumera-se: a anta-capela de São Dinis ou São Dionísio (em Pavia, Mora); a de Nossa Senhora do Livramento (em São Brissos, Montemor-o-Novo); a de Nossa Senhora do Monte (em Penela da Beira, Penedouro); a de São Bento do Mato (na Azaruja, Évora); e a de Santa Maria Madalena da Igreja de Alcobertas (em Rio Maior).

#### 9.2.1. *Anta-capela de São Dinis ou São Dionísio (Pavia)*<sup>105</sup>

A arquitetura do primitivo monumento megalítico foi alterada com o preenchimento dos espaços entre os esteios com alvenaria e a poente foi edificada uma porta de entrada para o interior da capela, possivelmente nos inícios do século XVII. A norte

---

<sup>105</sup> OLIVEIRA et al., 1996, p. 288.

surge um pequeno campanário. Também parte da cobertura da anta foi substituída por argamassas. O piso encontra-se ladrejado. São visíveis ainda sete esteios e uma câmara de grandes dimensões. Possui um altar revestido de azulejos com São Malaquias, que foi vulgarmente identificado como São Dinis. Encontra-se nas proximidades da capela de São Francisco.

9.2.2. Anta-capela de Nossa Senhora do Livramento (São Brissos)<sup>106</sup>

A anta-capela de Nossa Senhora do Livramento foi anexada a uma capela cristã no século XVII. Contudo, existe a separação destes dois espaços, tendo cada um a sua porta de entrada. A entrada para a anta-capela é feita através do espaço ocupado anteriormente por um esteio, possivelmente tombado. A anta-capela encontra-se ladrilhada e com um pequeno óculo de iluminação numa das paredes, tem ainda uma pequena pia em pedra mármore. Em termos de arquitetura pré-histórica ainda é possível identificar a posição original de cinco esteios bem como o chapéu que se eleva do solo a 3,20m.

9.2.3. Anta-capela de Nossa Senhora do Monte (Penela da Beira)

Sobre a anta ergueu-se a Capela de Nossa Senhora do Monte. O altar da capela é a câmara da anta sendo o lajeamento do espaço um antigo esteio de cabeceira, são ainda visíveis três esteios. Argamassa e pequenas pedras completam os espaços entre os esteios. O corredor encontra-se bem conservado e é possível perceber que sete esteios e uma cobertura ainda subsistem.

9.2.4. Anta-capela de Santa Maria Madalena da Igreja das Alcobertas (Rio-Maior)<sup>107</sup>

Segundo um texto recolhido da obra do Padre Luiz Cardoso (1747), a passagem deste monumento megalítico a pequena *Ermidinha* (como assim a define) terá ocorrido em 1536. Apesar de não referir a existência concreta de uma anta, na descrição que faz do local, diz que ali existiam umas grandes pedras, o que leva a querer que se trata-se de uma anta. A câmara megalítica encontra-se ligada ao corpo da igreja pela parte poente. Ao chapéu deu lugar um telhado e os esteios foram unidos por alvenaria. Junto ao esteio de cabeceira encontra-se o altar que suporta a imagem de Santa Maria

---

<sup>106</sup> OLIVEIRA et al., 1996, p. 289.

<sup>107</sup> OLIVEIRA et al., 1996, p. 290.

Madalena. A tampa do corredor ainda é visível pelo lado exterior e serviria como púlpito para o padre pregar.

#### 9.2.5. Anta-capela de São Bento do Mato (Azaruja)<sup>108</sup>

A igreja de São Bento do Mato desenvolveu-se em função de um outro templo cristão mais antigo e que tinha sido construído a partir de uma anta. O altar deste templo cristão primitivo seria o chapéu da anta. Devido a remodelações levadas a cabo no século XVII, o altar-mor da igreja foi desviado. Atualmente ainda subsistem pequenos indícios do primitivo altar. Na parede da igreja são visíveis dois esteios da anta ainda na posição original; na zona nascente assinala-se a presença do corredor. Procedeu-se a trabalhos de escavação arqueológica no local, no qual resultaram num fragmento de placa de xisto com decoração geométrica, quatro pontas de seta e um fragmento de cerâmica decorada com mamilos. Nas proximidades deste local, foi identificado um *habitat* pré-histórico fortificado.

#### 9.3.6. Anta-capela de São Fausto (Torrão)

Apesar de existirem reutilizações de antas para pequenas capelas cristãs, a anta-capela de São Fausto apresenta-se como uma construção singular, até agora, no panorama nacional. Os exemplos acima referidos tratam de antas em que a sua câmara foi transformada em capela. Porém, no caso em estudo, a câmara da anta não apresenta proporções favoráveis à transformação de uma capela, assim a alternativa construtiva desenvolver-se sobre o seu chapéu. Apesar de atualmente não ser possível observar esta construção, a existência de fotografias do ano de 1994/1995 comprovam que a edificação da capela em honra de São Fausto ocorreu numa perspetiva diferente à que a comunidade arqueológica está habituada a testemunhar.

Atendendo à informação descrita por José Leite de Vasconcellos acerca da *Excursão Arqueológica ao Sul de Portugal: Alcácer e arredores – Torrão – Alcáçovas – Évora e vizinhanças*<sup>109</sup> sabe-se que, aquando a sua passagem pela ermida e pela anta de São Fausto, existiam evidências de construção sobre o chapéu do monumento megalítico, porém já em estado de degradação.

---

<sup>108</sup> OLIVEIRA et al., 1996, p. 291.

<sup>109</sup> VASCONCELLOS, 1898, p. 103-134.

"A pouca distância do Torrão há uma anta, que fui visitar, apesar do terreno estar bastante molhado. Conservam-se d'ella alguns esteios, da camara, uns em pé, outros cahidos, e o respectivo chapeu ou cobertura; os vestígios da galeria são incertos. Como outras no Alemtejo, esta anta fica em terreno um pouco elevado, que conterà acaso os restos da mamôa. Ao pé cresce uma oliveira, que a ampara. (...) A anta está muito cheia de pedregulho e muito arruinada, e não podem tomar-se medidas exactas sem proceder primeiro a certas remoções. (...) O Sr. Correia Baptista, posteriormente á minha visita, foi tambem lá, e encontrou ao pé d'ella um percutor prehistorico de pedra. Esta anta tem de curioso o seguinte: anda-lhe annexada a lenda de S. Fausto, e por isso se chama Lapa de S. Fausto, ou como o povo pronuncia: de S. Faústo, S. Fagústo, S. Frausto e S. Fragústo, fórmãs que ouvi todas, quer em Alcacer, que no Torrão. Diz o povo que o santo appareceu dentro d'esta anta, e que tivera em cima da tampa um nicho, de que ainda em verdade se vêem vestigios abundantes; só depois foi mudado para um templo."<sup>110</sup>

À data da visita de Leite de Vasconcellos a anta encontrava-se cheia de pedregulho no seu interior. Foram retiradas, pelo próprio, as seguintes medidas:

<b>Largura da lage que serve de tampa</b>	+/- 3 metros
<b>Altura de um dos esteios (tomada por fora)</b>	1 metro
<b>Largura interior</b>	+/- 2 metros

Orientação: ONO-ESE

<sup>110</sup> VASCONCELLOS, 1898, P.115.

## 10. Ermida de São Fausto

---

*" Visitamos a ousia da dita irmida na quall estaa huum altar que he de hûua pedra soo e estaa sobre huum mármore e estaa nelle huua imagem de Sam Frausto a cavallo e no dito altar estaa huum retavollo piquenino com a saudaçam e hûuas curtinas de sarja muito velhas e rotas e huums mamtees muito velhos e rotos e hûa a lâmpada de folha de Framdes velha e as paredes delia sam de pedra e caall e he forrada de canas e toda ladrilhada de tijollo e tem huas grades de paaõ com sua porta e fechadura a quall tem de comprido quatro varas e terça e de larguo três varas e mea."*

Visitações da Ordem de Santiago, 1510, I.A.N./T.T., Ordem de Santiago, códice n.º 51., [fl. 2].

---

Na maioria dos casos os estudos relacionados com ermidas, sejam elas em núcleos urbanos ou em meio rural, primam-se sobretudo pela análise arquitetónica. Porém, este trabalho incide, para além do estudo da estrutura construtiva, noutra abordagem de trabalho. O complexo arqueológico de São Fausto tem na sua origem uma íntima relação com a comunidade e o seu culto ao santo mártir. Desta forma, o estudo da ermida direcionou-se para a compreensão da relação humana com a religião e na sua continuidade no tempo. Qual a razão para a construção de um edifício com tais dimensões? Que papel teve na dinamização social e cultural da comunidade? Que importância desempenhou o edifício na construção mística daquele complexo?

*"Por ermida entendemos o edifício católico destinado à veneração de certa entidade, podendo ser descrita do ponto de vista arquitectónico como uma estrutura simples, de pequena ou média dimensão, consagrada, sujeita à jurisdição paroquial e de acesso público. Este é, de resto, o conceito que o senso comum e os enciclopedistas seguirão no período em estudo, ou seja, entre os séculos XVI e XVIII, conquanto utilizem, por vezes, designações diversas."*<sup>111</sup>

---

<sup>111</sup> RESENDE, 2008, p. 14.

É difícil saber em que circunstâncias a Ermida de São Fausto foi construída uma vez que, na altura, o acesso à escrita era raro, sobretudo numa população maioritariamente camponesa como a da vila do Torrão.

Um outro aspeto a reter sobre a construção deste tipo de edifício religioso é o facto de estar relacionado com as grandes elites. O mecenato poderia ser prática comum para demonstração de poder local aliado à falta de meios da comunidade para edificar. Sem certezas sobre o que aconteceu no complexo de São Fausto, sabemos que nessa mesma altura, existia a necessidade de famílias nobres se afirmarem demonstrando poder com a construção de um grande templo cristão que atrairia a atenção de memorialistas do Iluminismo ou dos estudos românticos, adotando o templo um carácter *"semi-público"*.<sup>112</sup>

*"A Idade Moderna conhecerá um período particularmente notável a nível da edificação e reedificação e da instituição de vínculos e legados pios. Embora não existam dados estatísticos que o corroborem, a rápida disseminação dos gostos barrocos, derivada das orientações normativas e litúrgicas contra-reformistas, evidencia que os séculos XVII e XVIII foram particularmente activos em termos de construções e reconstruções. E que a própria espiritualidade fecundou a ideia de uma maior proximidade a Deus, a Cristo, à Virgem e aos Santos através dos templos e, nestes, de altares específicos."*<sup>113</sup>

Ligada à ideia de ruralidade e isolamento dos núcleos urbanos, a ermida constitui assim um elemento modificador da paisagem e influenciador do culto comunitário. Grupos populacionais influenciados pelas práticas comuns, dirigiam-se para um local que acreditariam que fosse responsável pela boa sorte e proteção.

*" (...) seja por se tratar de um pólo de evangelização onde se mesclam cultos e expõem interesses comunitários de cariz local e regional."*<sup>114</sup>

Segundo o sítio na internet do *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico* a ermida de São Fausto é descrita como:

---

<sup>112</sup> RESENDE, 2008, p. 50.

<sup>113</sup> RESENDE, 2008, p. 48.

<sup>114</sup> RESENDE, 2008, p. 19.

*"Planta longitudinal, regular, composta de alpendre, templo e anexos; volumes articulados e massas dispostas na horizontal. Cobertura com as nascenças de telhado de 2 águas. Fachada principal orientada a O., de 1 registo e 1 pano. Frontal do alpendre delimitado entre cunhais, de arco pleno, com o espaço da moldura de cantaria vazio, com remate em empena recta. Fachadas N. e S. semelhantes, de 1 registo, com o pano do corpo do templo dividido por 3 contrafortes, e o pano dos anexos liso, tendo o da fachada N. um porta. Fachada E. de 1 registo e um pano compreendido entre cunhais. Alpendre quadrangular, com arcos plenos, o frontal e 1 em cada um dos lados, cobertura de abóbada semi-esférica (existe apenas parte). INTERIOR: onde medram plantas silvestres, dividido por nave e capela-mor. Nave com as paredes exteriores à vista, com moldura que corre todas as paredes, com as nascenças de abóbada de berço. Capela-mor com nicho escavado na parede de fundo, encimado por uma palmeta, a céu aberto, com os indícios de uma abóbada de berço. Pavimento completamente revolvido. Marco geodésico."*<sup>115</sup>

A construção de uma ermida a poucos metros de distância do monumento megalítico vem, de facto, comprovar a continuidade de ocupação deste território, não existindo portanto uma quebra de utilização deste espaço para fins religiosos.

Não se pode atribuir uma data para o início da utilização da Ermida enquanto monumento cristão. Correia de Campos afirma que possa ter havido adaptações a uma construção já existente naquele espaço: um possível oratório árabe.

*"É possível que antes de ter sido adaptado a templo cristão, o aumento da população levasse a adicionar ao oratório uma pequena mesquita, de que não se encontram vestígios. Somos levados a formular a hipótese por muito próximo existir uma anta ou dólmen, e sobre a sua cobertura ou teto se encontrar restos duma pequena construção que, dada a sua exígua superfície, conjecturamos*

---

<sup>115</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4634](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4634) (consultado a 30/03/2018).

*fosse a almenara ou torre do chamamento à oração do templo islâmico desaparecido.*"<sup>116</sup>

Se se aceitar a hipótese formulada por Correia de Campos, o panorama de ocupação deste espaço ganha ainda mais importância. A ermida de São Fausto passa a ter duas fases de ocupação e construção: a primeira ligada à presença islâmica com a construção de um oratório; e a segunda relacionada com a adaptação a desse morabito de um corpo de igreja que albergaria a imagem do santo mártir. Contudo, devido às dimensões e à arquitetura que possuía o nicho sobre o chapéu da anta, não concordamos que se pudesse tratar de uma torre de chamamento.

Porém, concordando com a hipótese de Correia de Campos acerca da presença de uma estrutura islâmica naquele local, defende-se que: a poente do corpo da igreja colou-se uma galilé que nada mais é do que um morabito ao qual se anexou a referida igreja. Este amplo morabito apresenta-se hoje com a abóbada abatida e profundas fissuras na estrutura quadrangular base. Nos ângulos regista-se vestígios de reboco esgrafitado com temas vegetalista, tão ao gosto do mundo islâmico se assim se puder considerar.

José Leite de Vasconcellos apresenta como data de fundação da ermida 1645, porém atualmente não se encontra visíveis quaisquer vestígios desse tipo de informação nas paredes do edifício.

*"Na mesma propriedade, a poucos passos de distancia da anta, acham-se situadas as ruínas de uma igreja, onde li a data de 1645."*<sup>117</sup>

Esta data corresponde seguramente a uma fase de remodelação pois, como atrás afirmamos, nas *Visitações da Ordem de Santiago* esta ermida já era referida em 1510.

#### *10.1. A ermida de São Fausto, caso particular no panorama português?*

O estabelecimento de paralelos para estudar o complexo arqueológico de São Fausto mostrou-se ao longo deste trabalho, como uma ferramenta de compreensão deste local tão singular e intrigante. Pareceu-me pertinente levar a cabo uma pesquisa e

---

<sup>116</sup> CAMPOS, 1970, p. 93.

<sup>117</sup> VASCONCELLOS, 1898, p. 115.

consequente, o estudo, de igrejas em Portugal que se situem junto a monumentos megalíticos.

Sem saber em concreto que visões teriam os nossos antepassados sobre o significado e utilidade de uma anta, cabe a nós investigadores e conhecedores da verdadeira função dos monumentos funerários, "apagar" o nosso conhecimento e entrar no pensamento antigo. Ao analisar a arquitetura de um monumento funerário, à partida qualquer pessoa fica pasmada e interroga-se acerca dos mecanismos utilizados para colocar sobre pedras, estrategicamente posicionadas, um grande bloco da mesma matéria-prima. Só por si, sem entrar na função do monumento megalítico, esta construção coloca qualquer observador em inquietação.

Na voz do povo a função de uma anta poderia ser compreendida como: estrutura para algum superior hierárquico discursar? marcador de território? pequeno refugio contra intempéries? local de abrigo ou esconderijo de artefactos? ... Foram muitas as hipóteses de que ouvimos falar no decorrer da nossa investigação quando contactávamos com a população. Pois bem, diversas teorias se podem aplicar a este tipo de estrutura e se a mesma se associar a motivações psicossociais de uma população, ainda mais abrangente podem ser as suas funções e entrar na espiritualidade da comunidade.

Sabe-se hoje em dia, que existem uma diversidade de elementos naturais ou objetos físicos que foram ou continuam a ser venerados. Lendas e tradições ajudam a preservar de geração em geração cultos que ainda hoje em dia continuam por se explicar. Associado ao complexo arqueológico de São Fausto, está a lenda de que a figura do santo mártir morto em Córdova às mãos do Imperador Romano terá surgido sobre o chapéu da anta<sup>118</sup>. Se se associar este culto, a São Fausto, ao território do Torrão, não me parece descabido supor que esta tradição terá chegado por parte de populações cristãs oprimidas que viram naquela pequena construção (a anta) o seu local de refúgio e veneração ao santo mártir, tendo estas construído um pequeno oratório sobre o chapéu da anta sacralizando aquele espaço.

---

<sup>118</sup> FAGULHA, 2001.

A construção de edifícios de cariz religioso, junto a monumentos megalíticos, pode de facto ser a continuação da veneração daquele local para fins sagrados. É o caso da ermida e da anta de São Fausto.

Posteriormente designada pela população de *Orada dos Aflitos* devido aos maus anos agrícolas vividos e ao período de peste nos anos 20 do século XVI. Este dado é complementado pela informação retirada dos processos de *Visitações da Ordem de Santiago à vila do Torrão* (1510 e 1534), onde se percebe que existiam muitos terrenos desaproveitados, que poderiam trazer mais prosperidade senhorial que fossem convertidos em campos agrícolas. Este desaproveitamento das terras trouxe para a população uma elevação astronómica do preço dos cereais<sup>119</sup>.

Estas devoções de cariz muito próprio, seja pela sua pequena dimensão e importância ao nível estrutural, seja pelo pouco alcance territorial que a devoção tem, constituem no seu todo uma importante fonte de conhecimento para a História dos Lugares. São por vezes devoções antigas, anteriores à interiorização dos grandes cultos cristãos da Virgem Maria e do Espírito Santo.

*"Nalguns casos, as devoções referenciadas podem ser anteriores à Reconquista, memórias de um cristianismo local e moçárabe."*<sup>120</sup>

O templo é sinónimo de comunidade. Local de reunião é a expressão de um povo e no que ele acredita, personificação do orago que veneram. Ao templo estão associados as manifestações específicas de cada população, variando conforme a índole económica e social ou o ambiente envolvente em que vivem. A memória de uma comunidade também está no templo. Por que motivos foi erguido? ou que momentos acolheu? São questões que permitem caracterizar estes locais de reunião e quem neles participava. Porém, o passar do tempo origina transformações nestes templos que, só por si, vão apagando memórias mais antigas e deixando em aberto interrogações sobre o passado daqueles sítios.

Regra geral, a construção de um templo religioso, obedece a uma organização eclesial que passa pela existência de dois espaços específicos: a abside e o corpo da igreja.

---

<sup>119</sup> SERRÃO, 1978, p. 288-294.

<sup>120</sup> CUNHA, 2012, p. 66.

Podem por vezes estar separados por algum arco em pedra talhada. Este modelo é a base de qualquer templo católico, em São Fausto não é isso que acontece. A ermida em estudo não possui este esquema construtivo. Trata-se de uma construção muito simples e de pequenas dimensões, em que o corpo da igreja não apresenta qualquer divisão ou nave. É possível concluir que este templo tenha como fundação cronologias anteriores ao cristianismo? Muito possivelmente sim, não nos esqueçamos da presença de material de construção romano nas imediações do templo e também relatos de presença de cerâmica melada com decoração em manganês, segundo o artigo *Antas-Capela e Capelas junto a Antas no Território Português* na revista *Cidade de Évora* (1994-1995). É tendo como base os fragmentos de cerâmica de época islâmica e o tipo de arquitetura na agora galilé da Ermida que, consideramos a possibilidade de estarmos na presença de um antigo morabito.

Os morabitos eram de pequenas construções destinadas a cumprirem as funções de santuários de carácter religioso ou funerário.

*"(...) centros menores de peregrinación musulmanes en la Península Ibérica que no han sido mezquitas."*<sup>121</sup>

Segundo a arquitetura que é possível observar na Ermida de São Fausto, o que poderá ter acontecido foi a adaptação de uma construção pré-existente, um morabito, numa tentativa de o inserir na continuidade de uma ermida. Ou seja, pensamos que ao morabito terão sido feitas algumas alterações estruturais a fim de o tornar na galilé do templo. Com estas modificações, adquiriu o aspeto que possui atualmente e ficou inserido de forma harmoniosa na restante arquitetura.

Ao analisar as fontes escritas e iconográficas sobre a ermida de São Fausto, foi possível estabelecer algumas datas marcantes que auxiliaram a reconstituir a memória deste templo. A fonte escrita mais antiga que refere a existência de uma ermida neste local remonta a 1510 no livro das *Visitações da Ordem de Santiago*<sup>122</sup>. A informação transmitida é a de que o monumento se encontraria com pouca manutenção, o que confirma que a sua construção terá sido anterior a esta data. A Ordem de Santiago terá

---

<sup>121</sup> ZOZAYA, 1997.

<sup>122</sup> O conteúdo desta documentação surge analisado em pormenor no sub-capítulo seguinte: *A Ermida de São Fausto segundo as Visitações (1510 e 1534)*.

sido instituída em Portugal logo nos seus primórdios de fundação, no reinado de D. Afonso Henriques (reinado de 1139-1185), tendo atingido o seu apogeu no reinado de Afonso II (reinado de 1211-1223). Uma das suas sedes foi o Castelo de Palmela, seguindo-se o de Alcácer do Sal. A conquista do baixo Alentejo terá ocorrido entre 1234 e 1242.

A 11 de fevereiro de 1301 é escrito um documento pelo D. João Osório Mestre da Ordem de Santiago com o propósito de estabelecer qual seria a composição do bispado de Évora. Segundo a autora Maria Fernandes<sup>123</sup> a Ordem de Santiago de Castela ficaria encarregue do pagamento da lutuosa e das dízimas do pão, do vinho, do linho bem como da redízima de todos os seus proventos das suas igrejas, à exceção do Torrão entre outras<sup>124</sup>. Esta informação não se refere especificamente à ermida de São Fausto, contudo é perceptível que, já no século XIV, o Torrão estaria sobre o domínio da Ordem de Santiago. Este marco cronológico possibilita a hipotética datação da construção da primitiva ermida em estudo, visto que no século XVI a sua existência está confirmada.

Uma das informações que surge associando o poder da Ordem de Santiago à vila do Torrão é um documento de 3 de Março de 1387 em que o Mestre de Santiago, Mem Rodrigues de Vasconcelos, dirige-se a Rui Freire, comendador de Palmela e do Torrão, para que este reconheça a sua autoridade e obedeça às suas ordens<sup>125</sup>. Não sabendo ao certo que tipo de divergências existiam, mais uma vez se confirma que o poder da Ordem de Santiago de Castela estaria na vila alentejana.

A fonte iconográfica mais antiga da Ermida de São Fausto, a que foi possível aceder, data de 1944. A partir desta fotografia é permitido saber como é que era a pequena abóbada da galilé. Na fotografia de 1944 a galilé/morabito que antecede a entrada para o templo, possui uma arquitetura curiosa. A abóbada da galilé possuía exteriormente no topo da cobertura, um pilarete que marcaria à distância a presença desta estrutura religiosa. Desconhecemos se ela já pertencia ao corpo de morabito ou se foi acrescentada durante a cristianização. Inclino-nos mais para a hipótese de se

---

<sup>123</sup> FERNANES, 2002, p. 258.

<sup>124</sup> I.A.N./T.T., Ordem de Santiago, Códice 272, Livro dos Copos, foi. 267v - 268.

<sup>125</sup> I.A.N./T.T., Ordem de Santiago, Códice 272, Livro dos Copos, f. 208.

tratar de um marcador islâmico, porque se cristão fosse possuiria uma cruz. Elevando-se naquela planície, a presença deste pilarete marcaria o território sagrado tornando-se o ponto de alerta para o peregrino que passava por aquela zona? Já no tempo de cristianismo recebeu a denominação de *Orada dos Aflitos*, serviria este tipo de arquitetura como chamariz e aviso para aqueles que ansiavam ver resolvidos os seus problemas? São possibilidades a explorar.

Em termos de paralelos construtivos de proximidade conhecemos, por exemplo a ermida de Nossa Senhora da Guadalupe, em Serpa e a ermida de Santa Luzia, em Alvito são duas construções que se podem assemelhar a este caso de estudo.

A ermida de Nossa Senhora de Guadalupe em Serpa, é caracterizada segundo o sítio na internet do *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*:

*"Arquitectura religiosa, popular, vernácula. O edifício corresponde a uma tipologia frequente nas ermidas edificadas no Baixo Alentejo ao longo do séc. 16, com nártex e sacristia cobertos por domos, alçados laterais ritmados por contrafortes escalonados e marcação dos cunhais com pináculos piramidais. O templo singulariza-se pela sua forte implantação na paisagem envolvente e pelo ritmo poderoso que lhe advém da disposição dos contrafortes e dos pináculos piramidais. São também dignas de nota as coberturas em domo do nártex e da sacristia e a pia de água benta, em cantaria, epigrafada."<sup>126</sup>*

É possível retirar desta edificação algumas semelhanças com a ermida de São Fausto sobretudo no que respeita à cúpula que cobre o átrio que, antevê a entrada para o templo. A utilização de grandes contrafortes nas laterais do edifício é também uma característica comum.

Relativamente à ermida de Santa Luzia em Alvito, é classificada como:

*"Edificada possivelmente no início do século XVI, fazendo um reaproveitamento de um morabito, a Ermida de Santa Luzia é um pequeno templo rural situado no perímetro de Alvito. O pequeno templo é constituído por dois corpos distintos,*

---

<sup>126</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4424](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4424) (consultado a 08/06/2018).

*correspondentes à ermida e ao alpendre. O alpendre de alvenaria caiada, edificado no século XVII, é aberto por três arcadas plenas.*

*O corpo principal, de planta quadrada, é coberto por uma cúpula cónica, revestida de um conjunto de pintura mural, executada no século XVII pela oficina de José de Escovar, representando figuras de santos e anjos músicos, enquadrados por ferroneries e cartelas."<sup>127</sup>*

Tal como na ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, a ermida de Santa Luzia possui também um nártex que, apesar de ser de maiores dimensões, assemelha-se à ermida de São Fausto. Em comum estes dois exemplos mencionados representam construções atribuídas ao século XVI e que para alguns autores podem ter sido reaproveitamentos de antigos morabitos islâmicos.

A ocupação original do espaço remontará ao período Neolítico tanto com a presença do dolmén como de um provável povoado neste local. Mais tarde os romanos também por aqui passaram. Desconhecemos se a ermida ou o morabito não terão vindo a ocupar alguma estrutura romana que ali existisse. A presença de tégulas implica, obrigatoriamente, a existência de uma construção com cobertura. É baseado nestes elementos que defendemos o que acima referimos.

### *10.2. A Ermida de São Fausto segundo as Visitações (1510 e 1534)<sup>128</sup>*

Com a leitura das *Visitações da Ordem de Santiago* de 1510 e posteriormente de 1534, é possível perceber que a ermida, aquando da primeira descrição, encontrava-se em elevado estado de degradação. No ano de 1534 o panorama vai ser distinto, com um templo muito mais cuidado e reformulado.

Segundo a descrição que surge nos relatórios das *Visitações da Ordem de Santiago* ao Torrão, em 1510, a Ermida aparece como tendo um altar feito de uma pedra só, que está sobre uma mármore, com uma imagem de São Fausto a cavalo e um retábulo pequeno com a Saudação. Poderá ser esta pedra um reaproveitamento de uma ara romana? Se o nosso raciocínio estiver correto, poderemos levantar a hipótese deste

<sup>127</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74804/> (consultado a 08/06/2018).

<sup>128</sup> IAN/TT., Ordem de Santiago, códice n.º 51, fl. 16-16v; IAN/TT., Ordem de Santiago, códice n.º 186, fl. 13v.

altar ser a volumosa ara que hoje se guarda nos claustros da Igreja de São Francisco no Torrão e cuja fotografia se encontra em anexo<sup>129</sup>.

Na parede oriental do templo, abre-se um pequeno nicho, que ainda hoje se conserva, e que encimaria o altar de mármore anteriormente descrito. Apesar de não existir a descrição sobre o formato do mesmo, este trata-se de um nicho em forma de "concha", vulgar nestas ermidas rurais.

Ainda com base na descrição das *Visitações da Ordem de Santiago* de 1510, é dito que as paredes da ousia são de pedra e cal, forradas a canas e todas ladrilhadas a tijolo, com umas grades de pau e a respetiva fechadura. Tem de comprimento quatro varas e terça e de largura três varas e meia, equivalente a 18,35 m<sup>2</sup>.

Em 1510, já o corpo da igreja surge descrito como tendo as paredes de taipa mal guarneçadas, cobertas de telhas vã e chovia dentro dela. O portal não possui nenhuma porta. Tem sete varas e duas terças de comprimento e quatro varas e terça de largura, o equivalente à 40,2 m<sup>2</sup>.

O adro tem do canto da ousia até ao marco que está a Sul dezoito varas (19,8 m); do canto da ousia ao marco que está a Norte vinte varas (22 m); do canto da parede da porta principal ao outro marco do Norte doze varas (13,2 m); do outro canto da porta principal ao outro marco a Sul tem dez varas (11 m) e em roda tem o dito adro, medidas pelos marcos, cento e vinte e quatro varas (136,4 m).

Na *Visitação* do ano de 1534 só se referem às portas boas e aos elementos que foram acrescentados à categoria, ornamentos.

Em anexo surgem os quadros que compilam as informações transmitidas pelas *Visitações da Ordem de Santiago* e que permitem perceber quais os limites de propriedade e qual o recheio da Ermida de São Fausto:

Tabela 2

<p style="text-align: center;"><b>PROPRIEDADES RURAIS DA ORDEM DE SANTIAGO</b> <b>(segundo as <i>Visitações de 1510 e 1534</i>)</b></p>
---

<sup>129</sup> Ver fotografias 14, 15 e 16 do vol. II desta dissertação.

<b>Património</b>	<b>Local</b>	<b>Limite da propriedade</b>	<b>Medidas</b>
<b>Reguengos</b>	São Fausto	N: propriedade de Gaspar Clemente; L: propriedade dos herdeiros de João Valadão e Fernão Valadão; S: propriedade da mulher e filhos de João Besteiro.	-
<b>Reguengos</b>	São Fausto	N: matos maninhos com a herdade de Nuno Lagos; S: carril do concelho que vai de São Fausto até às terras de Martim Vasques vaqueiro; L: terras de João Valadão e de Fernão Valadão.	728 varas de N-S e 826 varas de L-P, ou seja, 727.606,88 m <sup>2</sup> .

Tabela 3

<b>MATERIAL DE CULTO DA ORDEM DE SANTIAGO (VISITAÇÃO DE 1510)</b>					
<b>Igreja</b>	<b>Objetos</b>	<b>Nº</b>	<b>Material</b>	<b>Detalhes</b>	<b>Fólio</b>
<b>Ermida de São Fausto</b>	Lâmpada	1	Folha de Flandres	Velha	16

Tabela 4

<b>PARAMENTOS E PANOS RELIGIOSOS DA ORDEM DE SANTIAGO (VISITAÇÃO DE 1510)</b>					
<b>Igreja</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Nº</b>	<b>Tecido</b>	<b>Estado</b>	<b>Fólio</b>
<b>Ermida de São Fausto</b>	Cortinas	Indefinido	Sarja	Velha e rota	16
	Mantos	Indefinido	Indefinido	Velho e roto	16

Tabela 5

<b>PARAMENTOS E PANOS RELIGIOSOS DA ORDEM DE SANTIAGO (VISITAÇÃO DE 1534)</b>								
<b>Igreja</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Nº</b>	<b>Tecido</b>	<b>Cor</b>	<b>Detalhes</b>	<b>Acessórios</b>	<b>Estado</b>	<b>Fólio</b>
<b>Ermida de São Fausto</b>	Frontal	1	Algodão	-	Com listras azuis e brancas	-	-	13v
	Toalha	1	Da Índia	-	Com listras azuis	-	-	13v
	Roupa	1	Tafetá	Carmesim	Mangas afogueadas	Roupa dourada diante e de trás	Muito bom	13v

Tabela 6

<b>PARAMENTOS E PANOS RELIGIOSOS DA ORDEM DE SANTIAGO (VISITAÇÃO DE 1534)</b>									
<b>Igreja</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Nº</b>	<b>Tecido</b>	<b>Comprimento</b>	<b>Cor</b>	<b>Detalhes</b>	<b>Acessórios</b>	<b>Estado</b>	<b>Fólio</b>
<b>Ermida de São</b>	Manto	1	Chamalote	-	Carmesim	Acairelado de retos verdes	-	-	13v

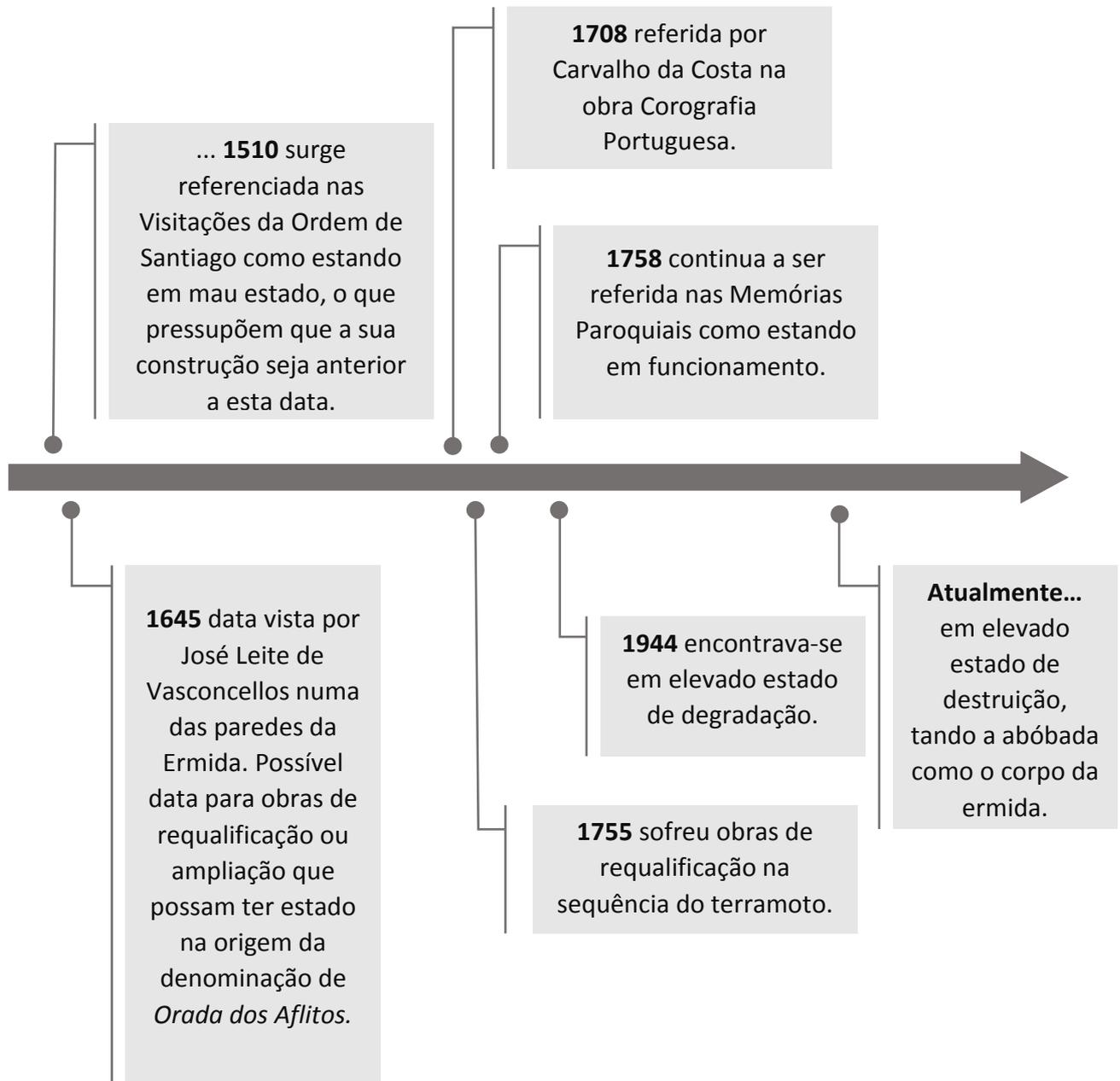
<b>Fausto</b>	Manto	1	Chamalote	-	Carmesim	Debrua do de veludo pardo	-	-	13v
	Pano	1	-	Grande	-	Pintado	-	-	13v
	Toalha	1	Da Índia	-	Branca	Com umas listras azuis e vermelhas	-	-	14

10.3. *A ermida de São Fausto segundo as Memórias Paroquiais de 1758*  
 Através das *Memórias Paroquiais* da vila do Torrão, sabe-se qual seria a importância do culto a São Fausto. Segundo o povo, a figura deste santo mártir seria venerada por romeiros que vinham de propósito à Ermida de São Fausto em busca de milagres. São fornecidas informações a partir desta fonte escrita, de que São Fausto teria feito muitos milagres, sendo por isso considerado o *advogado dos quebrados*. É também defendida a origem deste santo como sendo um mártir morto em Córdova.

Neste relato é ainda descrita a lenda deste santo como estando associada a uma *lapa* que se situaria a *um tiro de espingarda* e de onde terá saído o mártir a pregar, que nada mais é do que a anta-capela que já anteriormente descrevemos.

Outro dado histórico a reter é o de que a ermida de São Fausto terá padecido com o terramoto de 1755. Abóbada e cobertura terá ruído com o abalo. O Prior da Igreja Matriz e redator deste interrogatório terá mandado prontamente reparar os estragos, o que demonstra que, à data de 1758, o templo continuaria a ser utilizado tanto por gentes torranenses como por romeiros de outras partes.

Em suma, podem ser atribuídas distintas datas chave para definir a história da Ermida de São Fausto:



## 11. Moinho

Situando-se entre o monumento megalítico e a ermida de São Fausto, não se sabe muita informação sobre o moinho que também faz parte deste complexo conjunto de distintas identidades.

Fora de utilização mas ainda com parte do engenho visível, a sua implementação naquele local faz todo o sentido, uma vez que possui bom acesso e tem ventos predominantes constantes.

Relativamente a este moinho de vento foi possível encontrar na obra de José Leite de Vasconcellos a seguinte referência:

*"Perto da Lapa de São Fausto, (...) há um sítio chamado Pedra d'Anta, onde havia uma anta que foi destruída, para com as pedra d'ella se construir um moinho."*<sup>130</sup>

Esta informação não é possível de corroborar, uma vez que a construção se apresenta rebocada e caiada, não sendo possível destingir qualquer pedra que possa ter sido anteriormente utilizada para a construção de uma anta. Da descrição de Leite de Vasconcellos, podemos deduzir que nas imediações haveria outra anta pois a atual anta - outrora anta-capela - apresenta-se completa. Não é de estranhar a presença de outros dolméns nas imediações, bastando para isso reconhecer o topónimo próximo do local denominado de *Vale de Arca*. Como todos sabemos, o povo costumeiramente chama de *arca* aos dolméns. Esta denominação é muito comum na Região da Beira. Aquilino Ribeiro escreve inclusive um romance intitulado *Arcas Encoiradas*<sup>131</sup>. Este erudito escritor refere-se obviamente aos dolméns como *arcas encoiradas*.

Nas *Memórias Paroquiais* do Torrão é dito que existem oito moinhos, porém a sua localização não é especificada.

---

<sup>130</sup> VASCONCELLOS, 1898, p.115.

<sup>131</sup> A primeira publicação desta obra data de 1953.

## PARTE III

### 12. Prospecção no Complexo Arqueológico de São Fausto

#### 12.1. Metodologia dos trabalhos de campo

Aquando do início desta dissertação de mestrado, tornou-se imperativo estabelecer um plano de trabalho que pudesse no fim responder às questões centrais levantadas no ponto de partida desta investigação. Sabendo que o sítio em estudo teve ocupação em distintos tempos cronológicos, a metodologia de trabalhos a adotar pretendia saber que cronologias tinham sido essas, se a ocupação tinha sido prolongada e constante ou se tinham existido interregnos de permanência naquele território.

Se até ao momento não foi possível aceder a nenhuma fonte que permita afirmar a ocupação do sítio para a além da cronologia atribuída à anta, à ermida e ao moinho, tratou-se imprescindível procurar outras metodologias para perceber se o espaço teve outro tipo de ocupação. Esta recolha de informação bibliográfica fez parte da fase prévia de trabalhos de prospecção. Porém, atendendo ao facto do local ainda não ter sido alvo de escavações arqueológicas, os dados existentes são muito vagos. Contudo, salienta-se, as anteriormente referidas, *Visitações da Ordem de Santiago* onde foi possível definir à data do século XVI quais seriam os limites do sítio de São Fausto.

Por volta de 1995, trabalhos supostamente arqueológicos desenvolvidos pelo arqueólogo municipal destruíram totalmente a capela que se erguia sobre o chapéu do dólmen, perdendo-se, assim, para sempre um interessantíssimo monumento.

Posteriormente, um outro indicador do que se poderia vir a encontrar no processo de prospecção, foram os trabalhos realizados em 1999 no âmbito da redação do Estudo de Impacte Ambiental para a construção do IC 33 do nó de Grândola (Norte)/Évora<sup>132</sup>. Nesta campanha de prospecção de emergência foram apenas identificados os dois principais pontos de interesse histórico e arqueológico, ou seja, a anta (denominada por São Frausto 1 ou Fausto) e a ermida (denominada pelo no relatório como São Frausto 2 ou Fausto). No portal do arqueólogo é possível entrar a seguinte informação sobre a anta:

---

<sup>132</sup> Não foi possível aceder ao referido EIA completo.

*"Neste sítio erguia-se uma ermida dedicada a São Fausto, a Capela da Lapa de São Fausto. A antiga ermida, que se encontra actualmente destruída, reaproveitou em parte um antigo monumento megalítico. Durante a Idade Média foi construída uma estrutura de forma ovalada sobre o chapéu da anta, e que originalmente o envolveria completamente, neste "nicho" construído na anta guardava-se a estátua do mártir. Os vestígios pré-históricos encontram-se bem documentados, quer na anta, quer pelo aproveitamento para um dos seus elementos de um bloco de pedra com covinhas, provavelmente gravadas em época anterior à sua construção. A anta encontra-se na área do traçado A."*

Ainda no estudo de impacte ambiental, em relação à ermida é possível ler a seguinte informação:

*"Junto das ruínas da ermida de S. Frausto foram encontrados numerosos fragmentos de cerâmica comum e, principalmente, de construção (tegulae, imbrices e lateres). O sítio localiza-se na área do traçado A."*

Posterior a este estudo, levado a cabo no ano de 1999, não se encontra documentado nenhum outro tipo de trabalho de escavação ou prospeção arqueológica.

Em termos gerais, o tipo de metodologia aplicada foi a prospeção extensiva, prospetando-se áreas que possivelmente teriam mais potencial arqueológico.

### *12.2. Dos trabalhos de prospeção à análise dos dados*

A prospeção arqueológica é de um dos primários e fundamentais trabalhos para compreender qualquer sítio arqueológico. Se antigamente correspondia a uma espécie de passatempo de curiosos sobre tempos passados e suas antiguidades, atualmente deu lugar a uma componente essencial da área da arqueologia. Estes trabalhos assumiram um carácter de maior importância sobretudo na década de setenta com o surgimento de ideias programáticas como a *New Archaeology* e os estudos da *Arqueologia Espacial*.

Os trabalhos de prospeção assumem uma inegável relevância no contexto arqueológico contemporâneo. Vivendo-se num período em que as campanhas arqueológicas são cada vez mais escassas ou têm períodos de duração menores do que

aqueles que deveriam ter, a prospeção, por vezes, assume um lugar de destaque referenciando importantes locais. Contudo, é fundamental ter bem presente que tanto a prospeção como a escavação arqueológica não podem tomar lugar uma da outra, trata-se de dois processos de trabalho imprescindíveis para o conhecimento arqueológico, complementando-se.

A par da escavação, a prospeção exige também um plano metodologicamente enquadrado. São estabelecidas problemáticas e objetivos que vão delinear o trabalho, não destrutivo, posteriormente desenvolvido no campo e, mais tarde analisado. No caso dos trabalhos desenvolvidos no *complexo arqueológico de São Fausto*, foi muito importante perceber de que forma se orientava a dispersão dos materiais, uma vez que existem três focos fundamentais que marcam o espaço: a anta, a ermida e o moinho. Sabendo que a cada um se atribuí uma cronologia distinta, analisar de que forma a dispersão dos materiais se comportava, possibilitou compreender se anteriormente pôde ter existido uma outra estruturar ou não e o seu relativo posicionamento.

Para a realização deste trabalho de dissertação de mestrado, foi fundamental desenvolver algumas saídas de campo a fim de analisar e perceber da melhor forma possível como é que aquele sítio, de implementação privilegiada, fora ocupado. Sabendo que, até à data da redação desta dissertação, não foi possível encontrar nenhuma fonte que comprove que cronologias exatas de ocupação este sítio teve, os trabalhos de prospeção tornaram-se fundamentais para desmistificar um pouco esse panorama. Os materiais e as cronologias que lhe possam ser atribuídas são no fundo o meio condutor para delinear a história de um determinado local. No caso do *complexo arqueológico de São Fausto*, os materiais foram marcas cronológicas a ter em atenção.

A existência de materiais em boas condições de preservação não foi de todo uma constante. Materiais muito fragmentados foi o que se conseguiu recolher no campo. Em termos de dispersão dos materiais é possível assinalar o sítio da ermida e a sua área circundante como portador do maior número de fragmentos encontrados. Neste local, para além da existência de inúmeros fragmentos de material de construção contemporâneos, foram também encontrados fragmentos de cerâmica comum.

Tal como anteriormente tinha sido referido pelo Estudo de Impacte Ambiental de 1999 continuaram a ser visíveis alguns fragmentos de materiais de construção romanos, tais como tégulas e ímbrices.

As prospeções neste local foram dificultadas pelo estado de abandono da área agrícola, que não é lavrada há vários anos - embora possa destruir estruturas, ao mesmo tempo permite fornecer dados importantes ao prospetor. No nosso caso, o espaço encontrava-se coberto de denso mato e junto à anta, a oliveira que aí se erguia e que cobria grande parte desta estrutura funerária dificultou as primeiras campanhas de prospeção, até à sua remoção. Esta situação, levou a uma fraca leitura espacial de São Fausto e arredores.

#### 12.2.1. Descrição dos materiais arqueológicos<sup>133</sup>

A inventariação dos materiais teve em consideração o local onde foram recolhidos. Existiram três grandes grupos de divisão do espólio: um associado às proximidades da ermida, outro nas imediações do moinho, e por último outro na área de afetação à anta. A cada área foi atribuída uma sigla que, posteriormente foi utilizada para inventariar cada um dos materiais:

<b><i>Junto à ermida de São Fausto</i></b>	<b>ESF</b>
<b><i>Junto ao moinho de São Fausto</i></b>	<b>MSF</b>
<b><i>Junto à anta de São Fausto</i></b>	<b>ASF</b>

Para além da sigla acima referida foi atribuído um número a cada objeto que variou entre "(1)" a "(44)", resultando no seguinte exemplo explicativo: **ESF (1)**. No mesmo inventário estão inseridas tijoleiras decoradas que se encontravam no interior da galilé da ermida de São Fausto. Estão identificadas com a designação "**Tijoleira 1, 2, 3, e 4**".

Para análise do espólio, optámos pela criação de uma tabela para cada objeto, disponíveis em anexo. Os campos que constituírem cada tabela foram definidos, naturalmente, em função da informação que se pôde extrair de cada fragmento. Apesar de em todas as tabelas surgirem os mesmos campos, não foi possível preenchê-los em todos os casos. Foram utilizados os seguintes conteúdos nas

<sup>133</sup> Ver anexo XII e XIII do vol. II desta dissertação.

diferentes tabelas: **proveniência do achado**; **cronologia**; **pasta** (cor do exterior, cor do interior, tamanho do grão e textura); **morfologia/terminologia**; **fotografia** e **desenho**<sup>134</sup>.

Uma das dificuldades encontradas para a análise e interpretação dos resultados obtidos na campanhas de prospeção, foi o facto de o espólio estar muito fragmentado. Desta forma, a datação das diferentes peças tornou-se em diversas vezes impossível de realizar. A indefinição da atribuição de uma cronologia a um material compromete a história do sítio a estudar. Tornou-se menos um elemento que poderia corroborar com outras informações ou trazer um novo dado para a compreensão da ocupação do *complexo arqueológico de São Fausto*.

Em termos da análise do espólio encontrado, a cronologia mais antiga identificada foi o período romano.<sup>135</sup> Associado a esta ocupação foi registada a presença de fragmentos de tégula, de ânfora e de cerâmica comum. A predominância deste tipo de espólio foi mais evidente nas áreas da ermida e da anta, tendo sido identificado um fragmento de tijolo de características romanas no interior da câmara do monumento megalítico.

---

<sup>134</sup> Note-se que nem todos os fragmentos recolhidos foram desenhados. Apenas desenhámos aqueles que nos poderiam transmitir informações relevantes para a nossa pesquisa.

<sup>135</sup> Sem contar com a datação atribuída à anta de São Fausto, bem com os esteios com covinhas que a constituem. A teoria mais plausível é a de que tenham sido reutilizados, o que lhe confere uma outra antiguidade.

## PARTE IV

### Conclusões

Aquando do embarque na redação desta dissertação de mestrado, o *complexo arqueológico de São Fausto* estava rodeado de grandes interrogações. A entrada neste, abriu portas ao envolto nevoeiro que se abatia sobre a história deste sítio um tanto enigmático. Diferentes cronologias de ocupação com distintos tipos de construções, preenchem de riqueza aquela pequena elevação muito próxima das margens do Rio Xarrama. Porém, no meio de tanta diferença existe algo que une aquela porção de terra: a sacralidade do espaço a que hoje se chama, vulgarmente, São Fausto.

Dando nome àquele sítio, São Fausto, podemos dizer que foi o mote para o início da nossa pesquisa porém, sem saber muito bem se este caminho seria o mais perspicaz. Por outro lado, o despertar da curiosidade e a afirmação da singularidade do local, foi dado pelas antigas fotografias prontamente cedidas pelo Professor Jorge de Oliveira<sup>136</sup>. Estaríamos na década de 90 do passado século, quando ainda era possível ver parte da construção que encimava o chapéu da anta de São Fausto. Recebendo a atribuição de *anta-capela*, este local absorvia em si maior particularidade. Estas fontes iconográficas para além de terem sido muito úteis para o presente trabalho são, pelo que sabemos, as únicas que ainda registam a presença daquela construção que se encontra agora voluntariamente arrasada.

O estudo foi direcionado sobretudo em cinco distintas frentes: a anta (anteriormente anta-capela), a ermida, o moinho, os materiais de construção romanos e relato da presença de cerâmica melada com decoração a manganês junto à ermida. São estes os elementos arqueológicos que compõem o sítio de São Fausto, e que foram alvo de estudo.

A pouca informação tanto documental como fotográfica impediu a possibilidade da construção de uma linha cronológica mais abrangente e completa acerca da história do *complexo arqueológico de São Fausto*. Contudo, temos a certeza que o nosso trabalho

---

<sup>136</sup> Ver anexo VIII do vol. II desta dissertação.

constitui um importante avanço na contextualização do sítio que nunca tinha sido estudado e que pouca importância lhe era atribuída.

Apesar de todo o contributo que este trabalho deu para o estudo do complexo arqueológico de São Fausto, são ainda muitas as interrogações que persistem. Pensamos por isso que, a realização de intervenções arqueológicas seriam o melhor contributo para o desvendar da restante história do sítio.

Para começar a realização desta dissertação de mestrado, foi muito importante desenvolver em primeiro lugar um trabalho de pesquisa com o objetivo de perceber quem foi São Fausto. Tal como mostrámos no capítulo 8 (parte II), não foi possível chegar a só uma conclusão sobre este santo. São apresentados vários exemplos, tais como: São Fausto de Milán, soldado e mártir morto no tempo de Aurélio Cómodo; São Fausto de Riez, Bispo e Abade; São Fausto mártir associado às figuras de Januario e Marcial, todos mortos em Córdova ou São Fausto de Bujanda (Espanha) que, segundo a lenda, terá sido levado pelos *mouros* e feito escravo, aplicando o conhecimento sobre a agricultura enquanto trabalhava forçadamente. No que diz respeito ao Torrão, não foi possível perceber qual lenda se poderia associar ao complexo arqueológico de São Fausto. Porém, a lenda que associa São Fausto ao domínio das técnicas de agricultura, pode ser plausível para o nosso estudo visto que o povo recorria a este sítio para pedir bons anos agrícolas e proteção contra as epidemias de mosquitos sobre os campos.

As informações de ocupação do sítio foram sobretudo dadas a partir das prospeções realizadas. Ao que parecia ser um sítio de ocupação do período neolítico, seguiu-se uma ermida rural provavelmente do período medieval e um moinho da idade contemporânea que, veio comprovar que outros períodos de ocupação existiram. Surgem em abundância cerâmicas de período romano em torno das três estruturas estudadas. Apesar de estarem muito danificados, os materiais recolhidos em prospeção trouxeram um importante avanço no nosso estudo. Foram encontrados mais do que um fragmento de tégula bem como tijolos do mesmo período cronológico, o que nos leva a afirmar que naquele local existiu algum tipo de construção do Período Romano. Este tipo de informação corrobora ainda mais a nossa

teoria de que o sítio de São Fausto teve uma ocupação muito prolongada no tempo. Um outro dado, associado à época romana, foi a presença de um fragmento de bordo ânfora possivelmente do tipo *Sado 1*, destinado ao transporte de preparados piscícolas. Uma vez que estamos muito próximos da zona do vale do Sado, local onde se produzia este tipo de ânforas, sugere a possibilidade de o sítio de São Fausto estar numa zona de passagem comercial, não esquecendo a presença de uma via romana muito próxima.

Em termos de datação da, atualmente inexistente, capela sobre o chapéu da anta não foi possível recolher muitos dados. Apesar de serem vistos à superfície diversos fragmentos de tijolos romanos em torno do monumento megalítico, o facto de não se encontrar visível esta construção, não permitiu atribuir-lhes uma cronologia. Para além de um núcleo de quartzito lascado, decerto proveniente do Rio Xarrama, não foi possível encontrar mais nenhum material contemporâneo à anta.

Relativamente à ermida de São Fausto, esta foi a estrutura a que foi possível aceder a mais informação. Segundo dados de José Leite de Vasconcellos<sup>137</sup>, já expostos no decorrer desta dissertação, atribui-se à fundação a data de 1645. Contudo, a esta data poderão apenas ser atribuídas obras de requalificação. Segundo a fonte mais antiga a que tivéssemos acesso, as *Visitações da Ordem de Santiago* de 1510, a ermida de São Fausto já existia, encontrando-se em mau estado de conservação já nessa altura, o que pressupõe que a sua construção seja anterior ao século XVI. A presença de cerâmica melada com decoração em manganês, em prospeções realizadas entre os anos de 1994 e 1995, sugere que no local onde hoje se ergue a ermida possa ter existido uma construção de época islâmica. Esta hipótese ganha importância quando à galilé do templo lhe atribuirmos a antiga função de morabito. Porém, os diversos fragmentos de cerâmica romana encontrados em torno deste edifício, podem ainda supor uma mais antiga ocupação.

Pensamos que se pode estabelecer comparações entre a ermida de São Fausto e a ermida de São João dos Azinhais. A este templo está associada a presença romana, com a possível edificação de um templo a Júpiter no local, como também a lenda de

---

<sup>137</sup> VASCONCELLOS, 1898.

dois santos mártires, Justo e Pastor. Também na ermida de São Fausto se pode associar, sem sombra de dúvida, a presença de edificações romanas. Será que estamos perante um sítio com tal potencial histórico e arqueológico como é o do sítio da ermida de São João dos Azinhais? É importante referir ainda o caso da villa romana de São Faraústo 2 em Oriola, sítio dedicado à fundição. Levanta-se portanto mais uma hipótese do sítio de São Fausto poder ter sido dedicado a algum tipo de "indústria", apesar da denominação não ser exatamente igual.

No que diz respeito ao moinho que se ergue entre a anta e a ermida, não foi possível estabelecer uma data de construção ou de fim de laboração. Segundo a análise que podemos fazer no local, é plausível que se enquadre no século XIX, muito devido ao seu estado de conservação. A informação dada por José Leite de Vasconcellos<sup>138</sup> aquando da sua visita ao local, no século XIX, é a de que poderia existir o reaproveitamento de pedras de uma destruída anta na construção de um moinho. Porém, não conseguimos apurar que se pudesse tratar do moinho de São Fausto.

Esperamos que com o nosso trabalho as entidades competentes fiquem alerta do potencial arqueológico, histórico e turístico que o sítio de São Fausto possui, valorizando-o e tornando-o mais atrativo para o público.

---

<sup>138</sup> VASCONCELLOS, 1898.

## Bibliografia

- ABERG, N. (1921). *La civilization énéolithique dans la Péninsule Ibérique*. Halle.
- ATIENZA, J. G. (1988). *Santoral Diabólico*. Fontana Fantástica, Edições Martinés Roca, S.A., Barcelona, p. 458-463.
- BARBOSA, Isabel Maria Lago (1991). *Regimentos e Visitações da Ordem de Santiago em Portugal nos finais da Idade Média. As Ordens Militares em Portugal - Actas do I o encontro sobre Ordens Militares*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela. p. 159.
- BARBOSA, Isabel Maria Lago. (1999). *A Ordem de Santiago em Portugal*. Revista *Militarium Ordium Anacleta*. Palmela: Fundação Engenheiro António de Almeida, Vol. 2. ISSN 0874-0003. p. 115.
- BASTO, Ana (2003). *A Vila do Torrão segundo as Visitações de 1510 e 1534 da Ordem de Santiago*. Tese de Mestrado realizada no âmbito do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em História Medieval e do Renascimento, Porto.
- BLAIR, Sheila S., BLOOM, Jonathan M. (1999). *Arte y arquitectura del Islam : 1250-1800*. Madrid: Cátedra, D.L..ISBN 84-376-1701-4. p. 527.
- BRADLEY, R.; BOADO F.; VALCARCE R., (1994). *Los Petroglifos Como Forma De Apropiación Del Espacio: Algunos Ejemplos Gallegos*, *Trabajos de Prehistoria*, 51, nº 2, pp. 159-168, Madrid.
- BRAGA, Joana (2014). *Memórias Paroquiais: índice*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Disponível em: <http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/Memorias-paroquiais-indice-final-2014.pdf> (consultado a 30/05/2018).
- CABALLERO ZOREDA, L. (1998). *Arquitectura visigótica y musulmana. Continuidad, concorrência o innovación?* In. J. ZOZAYA (dir.), *Ruptura o Continuidad: Pervivências Preislâmicas en Al-Andaluz (Cuadernos Emeritenses, 15)*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, p. 143-176.
- CAMPOS, Correia de (1970). *Monumentos da Antiguidade Árabe em Portugal*, Lisboa.

- CARDOSO, George (1666). *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal e svas Conquistas consagrado aos Gloriosos S. Vicente e S. António*, Tomo III, p. 41.
- CARVALHO, da Costa (1708). *Corografia Portuguesa eDescripçam Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*. Tomo segundo, p. 484.
- CARVALHO, António Rafael (2008). *A Muşalla do Hişn Țurruş / Torrão - uma hipótese de trabalho*, In. *Revista Al- madam*, série II, nº 16, ISSN 0871-066X, p. 2-26.
- CASTILLO MALDONADO, P. (1999). *Los Mártires Hispanoromanos y Su Culto en la Hispania de la Antigüedad Tardia*. Granada: Universidad de Granada.
- COELHO, A. (2013). *Memória Paroquial da freguesia de Torrão, Comarca de Beja* [ANTT, Memórias Paroquiais, 36, p. 595-606]. Transcrição, Ofélia Sequeira, p. 1-21. Disponível em: <http://www.portugal1758.uevora.pt/index.php/lista-memorias/148-torrao/5109-torrao-torrao> (consultado 07/06/2018).
- ELIADE, Mircea (1992). *O Sagrado e o Profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes.
- COSME, Susana Rodrigues (2007). *São Faraústo 2, uma villa romana dedicada à fundição (Oriola, Portel)*. In. *Vispasca, Arqueologia e História*. Nº2. 2ª série. P. 412-419.
- CUNHA, Mário Raul de Sousa (2012). (...) *visitamdo nós ora pessoalmente o dito meestrado de Samtiaguo (...): As Igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitetura e Materiais*. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Vol. I.
- ENCARNAÇÃO, José d'. (1984). *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Arqueologia, Coimbra, p. 254.
- Enciclopédia Universal Ilustrada (1924). Europeo-americana, Espasa-Calpe, S.A., TOMO XXIII, Madrid, p. 405.
- ETTINGHAUSEN, Richard; GRABAR, Oleg (1996). *Arte y arquitectura del islam. 650-1250*. Madrid: Ediciones Cátedra, ISBN 84-376-1425-2. p. 489.

- FARIA, J. C. L. (2002). *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*. Alcácer do Sal: Edições Colibri/Câmara Municipal de Alcácer do Sal.
- FEIO, Jorge. (2010). *Marcas arquitetónico - artísticas da cristianização do território entre Évora e Beja*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FERNANDES, Maria Cristina Ribeiro de Sousa (2002). *A Ordem Militar de Santiago no século XIV*. Tese de Mestrado. Universidade do Porto.
- GRABAR, Oleg (1996). *La formación del Arte Islámico*. Madrid: Cátedra, 1996 (7ª Ed.). ISBN 84-376-0169-X. p. 255.
- Gazeta de Lisboa. Disponível em: [https://books.google.pt/books?id=4lAZAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=4lAZAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false) (consultado a 23/02/2018).
- GOMES, Mário Varela (1991). *Corniformes e Figuras Associadas de dois Santuários Rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e Interpretação*. In. Almansor, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, pp 17-74.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1983). *O Santuário Exterior do Escoural. Sector Ne (Montemor-o-Novo, Évora)*, Zephyrus, vol. XXXVI, pp. 287-307, Salamanca.
- GREGORIO XIII (1748). *Martyrologio Romano dado a luz por mandado do papa*. Oficina Sylviana e da Academia Real. Lisboa.
- HATTSTEIN, Markus; DELIUS, Peter (coor.) (2001)- *El Islam. Arte y Arquitectura*. Colonia: Köneman, ISBN 3-8290-2559-9. p. 639.
- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho. (1880). *Portugal Antigo e Moderno Dicionário Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villa e freguezias de Portugal de grande numero de aldeias de que apenas restam vestigios ou somente tradição*. Vol. IX.
- LEITE, J. (Org.). (1987). *Santos de Cada Dia*. Editorial A. O., Braga. p. 162-163.

- OLIVEIRA, J., SARANTOPOULOS, P., BALESTEROS, C. (1996). *Antas-capelas e capelas junto a antas no território português: elementos para o seu estudo*. In A Cidade de Évora. Évora. 2ª série: 1.
- MARQUES, José (1997). *A Ordem de Santiago e o Concelho de Setúbal, em 1341*. In Actas do II Encontro sobre Ordens Militares - As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa. Lisboa: Colibri.
- Martyrologio Romano dado a luz por mandado do papa Gregorio XIII (1748), Régia Oficina Sylviana e da Academia Real, Lisboa.
- MILLET-GÉRARD, D. (1984). *Chrétiens Mozarabes et Culture Islamique Dans l'Espagne des VIIIe-IXe Siècles*. Paris: Études Augustiniennes.
- MOAG, John (1976). *Arquitectura Islámica*. Historia universal de la Arquitectura. Madrid: Ed. Aguila.
- *Monumento Henricina*. Coimbra: Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960-1947, Vol. 3, doc. 17, p. 27.
- PIMENTA, Maria Cristina Gomes (2001). *As Ordens de Avis e Santiago na Baixa Idade Média: o governo de D. Jorge*. Revista Militarum Ordium Anacleta. Palmela: GEsOS - Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, Vol. 5, p. 142.
- PIMENTA, Maria Cristina Gomes (2001). *As Ordens de Avis e Santiago na Baixa Idade Média: o governo de D. Jorge*. Revista Militarum Ordium Anacleta. Palmela: GEsOS - Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, Vol. 5, p. 82.
- RESENDE, Nuno (2008). *Fervor e Devoção: Património, culto e espiritualidade nas ermidas de Montemuro – Séculos XVI a XVIII*. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa.
- RIBADENEIRA, P. (1790). *Flos Sanctorum de las Vidas de los Santos*. Barcelona, p. 245.
- ROCHA, Leonor (2004). *Entre vivos e mortos... arte rupestre e megalitismo funerário na região de Évora. Sinais de Pedra. Actas do I Colóquio Internancional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

- ROCHA, Leonor (2010). *Arte rupestre e sociedades camponesas. Uma associação sistemática no Alentejo Central (Portugal)*. FUMDHAMentos. IX. Piauí: Fundação Museu do Homem Americano. Art. 103.
- ROCHA, L.; CERRILLO CUENCA, E.; DINIZ, M.; ARIAS, P.; SANTOS, I.; LICERAS GARRIDO, R., QUINTERO CABALLERO, S.; NARANJO MENA, J.; LÓPEZ A. (2013). Novos dados sobre o povoamento arqueológico na bacia do Rio Sado (Portugal). Resultados preliminares das prospeções do projeto SADO-MESO. / *Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p. 163-167.
- ROCHA, Leonor (2015). A Anta-Capela de Pavia (Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área. *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. MEDINA ROSALES, N. (Ed.). Ayuntamiento de Aroche, p. 235-250.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1978). *História de Portugal: século de ouro (1495-1580)*. Lisboa. Editorial Verbo, Vol. 3, pp.288-294.
- SEVERIM DE FARIA, M. (1740) – *Notícias de Portugal escritas por Manoel Severim de Faria*. Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. (1976-77). *Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve*. In. Setúbal Arqueológica, 2-3, p.179-272.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. (1986). *Intervenção arqueológica na vila do Torrão: ocupação calcolítica*. In. Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. (1987). *O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. Escavações arqueológicas de 1982-86 (Resultados preliminares)*. In. Setúbal Arqueológica,8, p. 29-79.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, Joaquina (1986). *Intervenção Arqueológica na Vila do Torrão*. In. Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985), p. 103-114.
- VASCONCELOS, J. L. de (1899/1900). *O Arqueólogo Português*, Vol. V. Lisboa, p.115-116.

- VASCONCELLOS, José Leite de. (1898). *Excursão Arqueológica ao Sul de Portugal: Alcácer do Sal e arredores – Torrão – Alcáçovas – Évora e arredores*. In. *O Arqueólogo Português*, vol. IV, págs. 103-134.
- ZOZAYA, Juan. *Tumbas de Santones y Oratorios Musulmanes de Al-Andalus*.

Códices referentes às visitas da Ordem de Santiago à Vila do Torrão:

- IAN/TT., Ordem de Santiago, código n.º 51, visita de 1510.
- AN/TT., Ordem de Santiago, código n.º 186, Visita de 1534.
- I.A.N./T.T., Ordem de Santiago, código nº 272, Livro dos Copos, foi. 208 - inserto em traslado de 1387.
- I.A.N./T.T., Ordem de Santiago, Código 272, Livro dos Copos, foi. 266 v-267.
- I.A.N./T.T., Ordem de Santiago, Código 272, Livro dos Copos, foi. 267 v-268.

## Webgrafia

- [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o\\_arqueologo\\_portugues/serie\\_1/volume\\_5/353\\_indice.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_5/353_indice.pdf) (consultado a 16/02/2018).
- <http://portugal1758.di.uevora.pt/lista-memorias/148-torrao/5109-torrao-torrao> (consultado a 16/02/2018).
- <https://portal.arquivos.pt/record?id=oai%3APT%2FTT%3A4224410&s=%27xMoIJ%27> (consultado a 16/02/2018).
- <http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=en/node/77> (consultado a 16/02/2018).
- <http://amphorae.icac.cat/amphora/sado-1-western-lusitania> (consultado a 02/08/2018).
- <http://archivoexvotos.revista-sanssoleil.com/iglesia-de-bujanda-san-fausto-labrador/> (consultado a 08/08/2018).
- <https://www.misteriosconhistoria.com/el-cuerpo-incorrupto-de-bujanda/> (consultado a 08/08/2018).
- <https://www.uniarg.net/proyecto-sado-meso.html> (consultado a 12/08/2018).